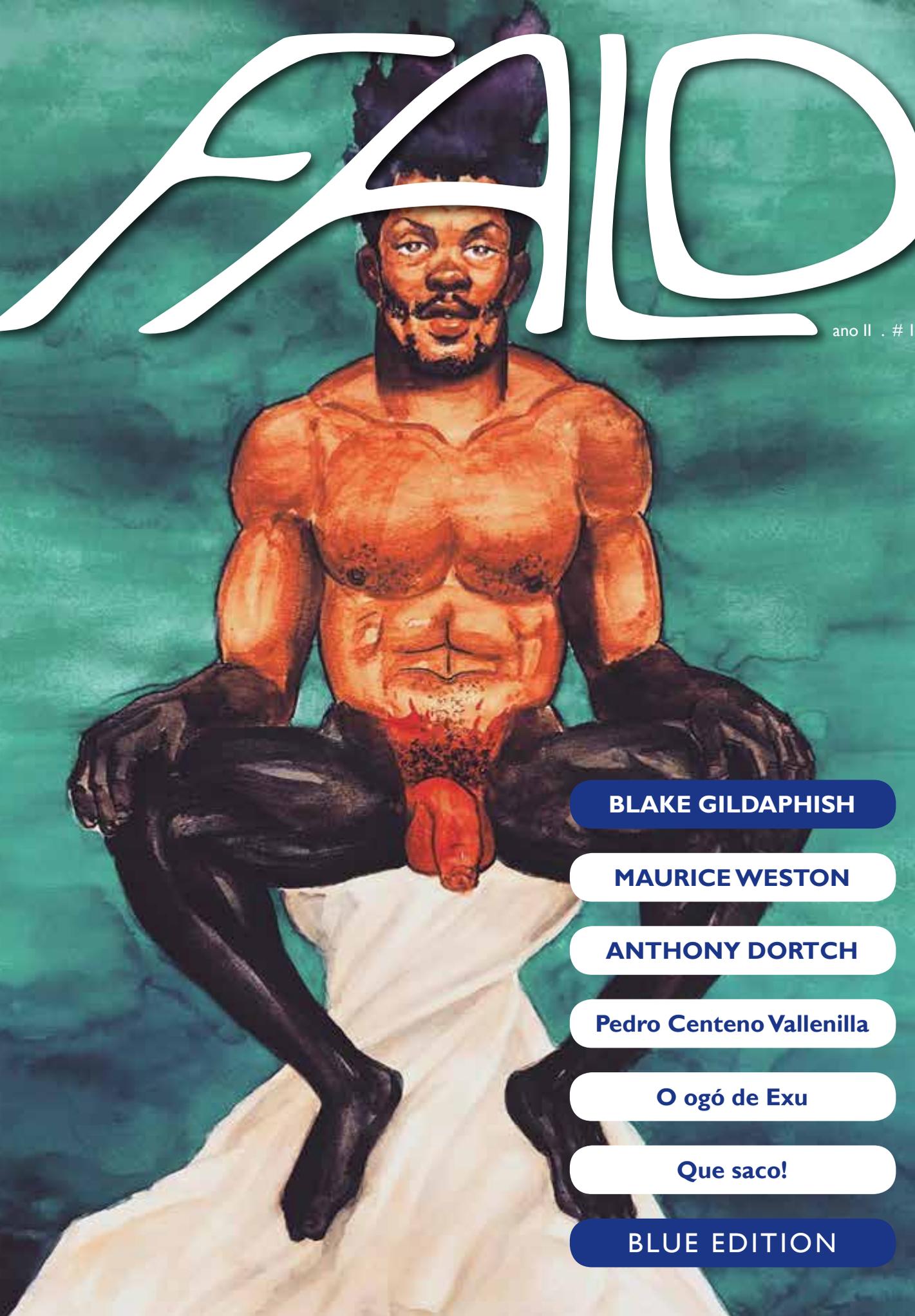


AAO

ano II . # 10



BLAKE GILDAPHISH

MAURICE WESTON

ANTHONY DORTCH

Pedro Centeno Vallenilla

O ogó de Exu

Que saco!

BLUE EDITION

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: Günther, aquarela sobre papel, de Blake
Gildaphish (2019).

Zelo e técnica foram empregados na edição desta
revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação
ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a
comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos
verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a
representação da masculinidade na Arte. Há, portanto,
imagens de nus masculinos, incluindo imagens de
genitália masculina. Consulte com precaução caso
sinta-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que
possuem direitos autorais de seu próprio trabalho.
Todos os direitos estão reservados e, portanto,
nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de
forma mecânica ou digital sem autorização prévia por
escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas
nesta publicação tenham sido fornecidas pelos
criadores com permissão de direitos autorais ou
sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no
protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet
(imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador,
sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um
artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos
autorais violados, entre em contato através do e-mail
falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma
possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja
como artista, modelo ou jornalista, entre em contato
através do e-mail falonart@gmail.com.



Editorial

Lugar de fala. Expressão que se tornou bandeira de muitos, porém, ao mesmo tempo que dá voz, tampa os ouvidos. Só que aqui é também lugar do falo. Um falo que aparece em todas as suas formas, em todas as suas CORES. Então, essa *Blue Edition* veio mostrar outros tons.

Ela já abre em preto e branco com as folhas de guarda feitas em um encontro de três artistas negros que conversaram sobre cor, gênero e arte. Cada artista foi fotografado por outro, tudo organizado por Chris, The Red. Um desses artistas ainda fez um texto especial para a edição.

Os três artistas em destaque na revista são negros e o artista histórico é um venezuelano que discutia a miscigenação em sua obra. Na *Falorrágia*, trago um dos poderes do falo nas religiões de matriz africana e a coluna *Falatório* não poderia estar melhor encaixada na edição: um ensaio com um modelo de várias cores e um trabalho artístico em azul. Até mesmo a coluna *Falocampse* se remete a cor quando explica as *blue balls* (que todo adolescente sofre) como parte de um assunto que literalmente tangencia à revista e o falo. A *Falo em Foco*, a charge de Iturrusgarai e o *moNUmento* se integram à discussão da cor antes do fechamento das folhas de guarda com mais registros do encontro em preto e branco.

Essa revista completa o ano II e o ciclo de assuntos mais delicados que resolvi abordar.

Tantra, fetiche, masturbação, imagem corporal, o mundo trans e, agora, cor. Nenhuma das edições teve a pretensão de esgotar os assuntos, mas sim abrir um espaço de discussão para ampliar conhecimentos.

2019 foi (ainda é) uma montanha-russa de baixos e ainda mais baixos. A crise instalada no Brasil, — e no mundo — interfere na existência (e na resistência) dessa revista. Censura nas redes sociais, faltas de compromisso, artistas receosos, zero investimento... esses são apenas alguns dos percalços que sempre existiram porém pioraram ao longo desse ano.

O provérbio diz que “uma andorinha não faz verão”, mas esse pinto aqui vai continuar tentando virar as estações.

Obrigado por esse segundo ano.

Filipe Chagas, editor

OBS.: Esse editorial é curto porque o assunto causa muita animosidade e eu não sei onde me colocar. Veja: minha certidão de nascimento me coloca como “branco” e cheguei a ter cabelo castanho claro, enquanto meu certificado de reservista militar me chama de “pardo” e hoje meu cabelo é negro (grisalho) e grosso. Bom... pardo eu não sou, porque não sou papel. Minha cor oficial é bege, e minha morenidade só existe por causa do sol. Uma amiga de minha mãe disse que eu escolho a cor que eu quero, mas sei que isso não é assim. Entendo as teorias do “colorismo” e sei que ninguém atravessa a rua ao me ver. Acho inadmissível e surreal ainda existir qualquer tipo de preconceito por cor num país construído através da miscigenação. Ainda alimentamos nossa colonização, mas, se quero que essa revista seja um espaço seguro para todos, então, vou lutar pela real independência de todos, seja pela cor, gênero, condição social, biotipo físico etc. Por isso, peço que, caso tenha sido leviano em qualquer coisa nessa edição específica, por favor, me avisem. Somente juntos resistiremos e existiremos. Mais uma vez, obrigado.

Blake Gildaphish	6
Maurice Weston	18
Anthony Dortch	34
FALO DE HISTÓRIA Pedro Centeno Vallenilla	48
FALO EM FOCO	57
ESPECIAL Fetichização do corpo negro	58
FALORRAGIA O ogó de Exu	60
FALATÓRIO	66
FALOCAMPSE Que saco!	68
BIBLIOFALO “Nudez” de Agamben	76
FALO com VOCÊ	78
moNUmento	83

Blake Gildaphish

por Filipe Chagas

Crescer em um cidade do interior da Filadélfia, Pensilvânia, foi solitário para o jovem Blake. Ele adorava música disco e filmes antigos (especialmente as animações da Disney antes de Alladin), entre uma série de outros interesses estranhos para um típico jovem negro, e por isso, sofria bullying constantemente. Acreditava que igual a ele não existia mais ninguém, mas, ao menos, já se reconhecia como artista. Quando levou seus cadernos de rascunho para a escola, seus desenhos o transformaram em uma sensação - boa e ruim - entre seus colegas:



Ben & Phish em "Nós morremos amanhã", aquarela sobre papel (2016).

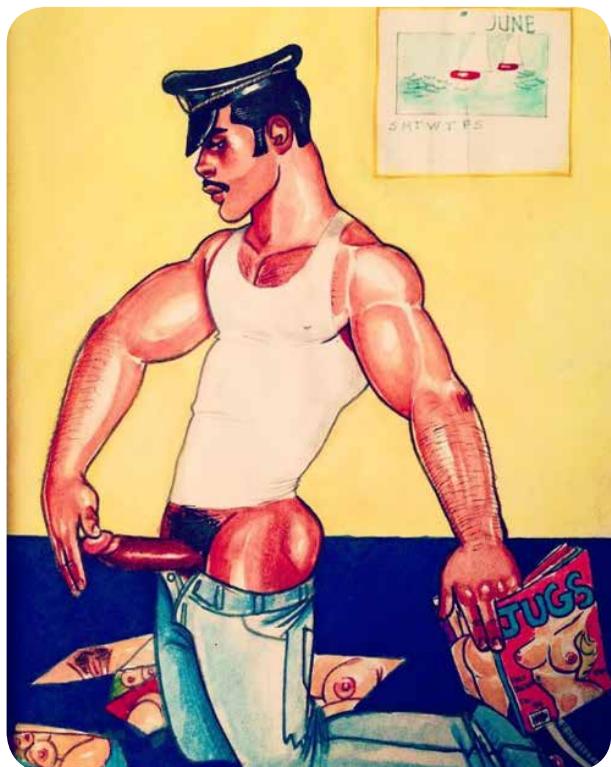


Tiffany Lane em “Barbie Barbitúrica”, aquarela sobre papel (2008).

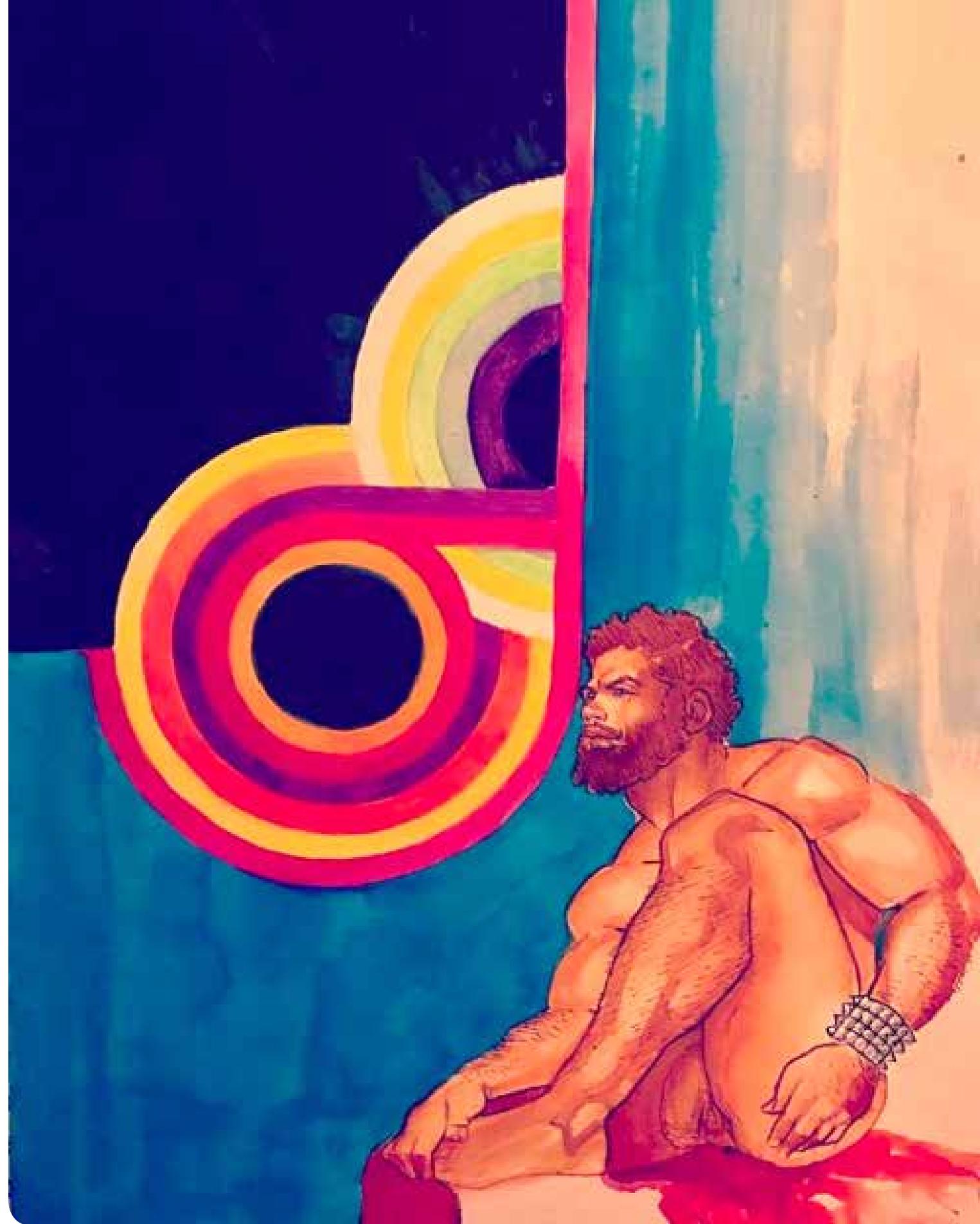
Uma de minhas primeiras criações foi Christopher Reid, um farmacêutico bissexual, e sua melhor amiga, Tiffany Lane, criados quando eu tinha uns 14/15 anos. Chris Reid usava sua bissexualidade como uma medalha: você o encontrava em um ménage com homem e mulher ou simplesmente recebendo uma chupada de um cara. Algumas garotas da escola amaram minha imaginação e alguns garotos até respeitavam minhas habilidades técnicas, mas fui chamado de “viado” muitas vezes.

O corpo feminino foi o foco de Blake no início. Para ele, as curvas e linhas suaves da mulher eram feitas para o desenho e para a pintura (“Na verdade eu acho o nu feminino mais bonito que o masculino”). O corpo masculino era mais difícil e subjetivo para Blake até que, aos 18 anos, descobriu a arte de Tom of Finland. De tanto estudar o estilo de Tom, seus desenhos começaram a parecer clones do finlandês. Aos poucos foi encontrando suas preferências pessoais e desenvolveu sua linguagem própria: um erotismo fantástico inspirado no passado e no presente através de uma paleta technicolor, parecendo cartazes para filmes de blaxploitation (movimento cinematográfico estadunidense da década de 1970 que colocava atores e atrizes negros como protagonistas e em papéis de destaques dos filmes).

Sempre faço o que acho certo. Não quero que meu trabalho seja confundido com o de ninguém. Muitos artistas estão somente reproduzindo estilos e isso é irritante. Então, me esforço para ter minha própria identidade, meu próprio estilo.



Pirarucu em “The Phish Diaries”, aquarela sobre papel, inspirada por Tom of Finland (2007).

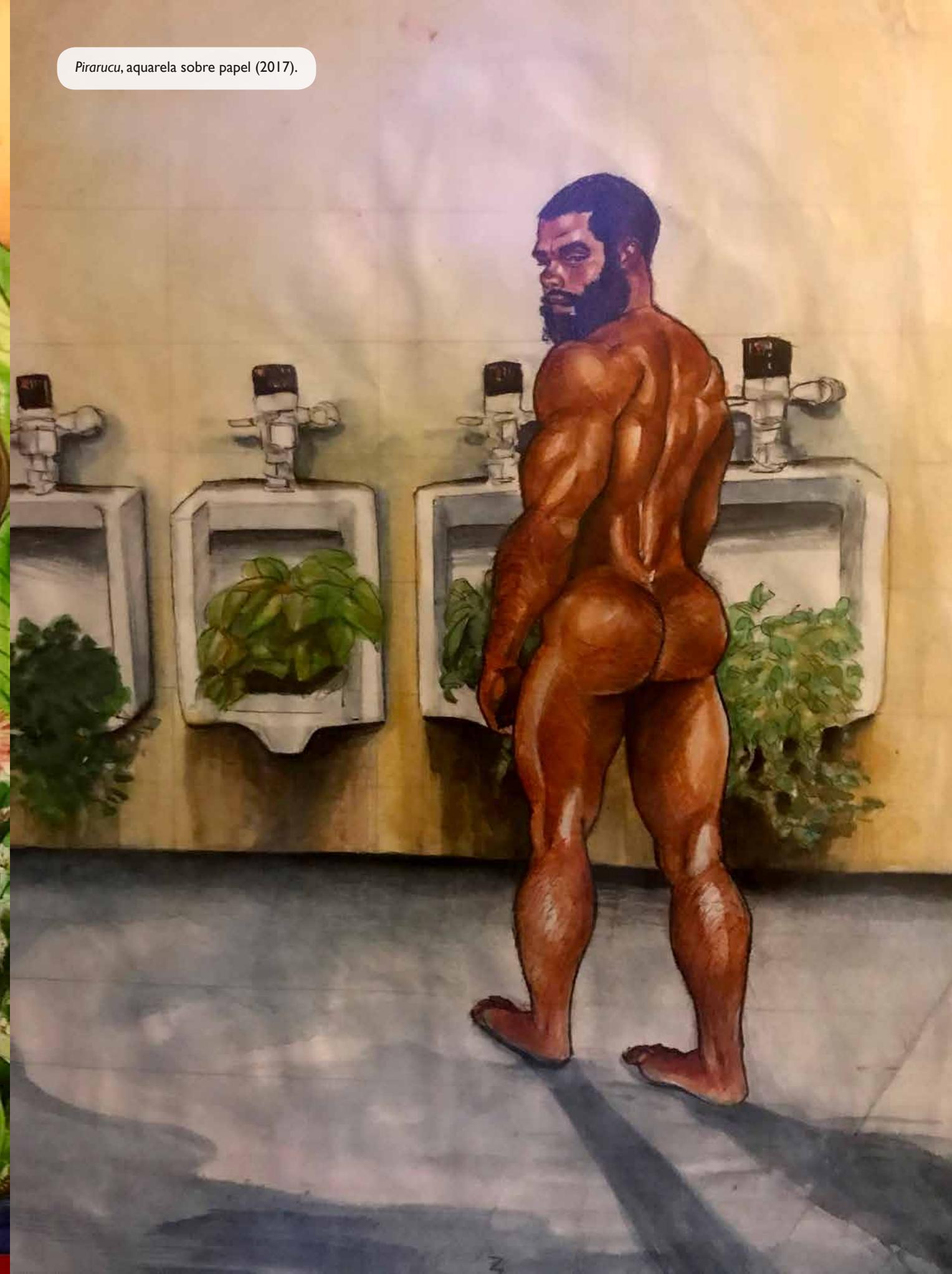


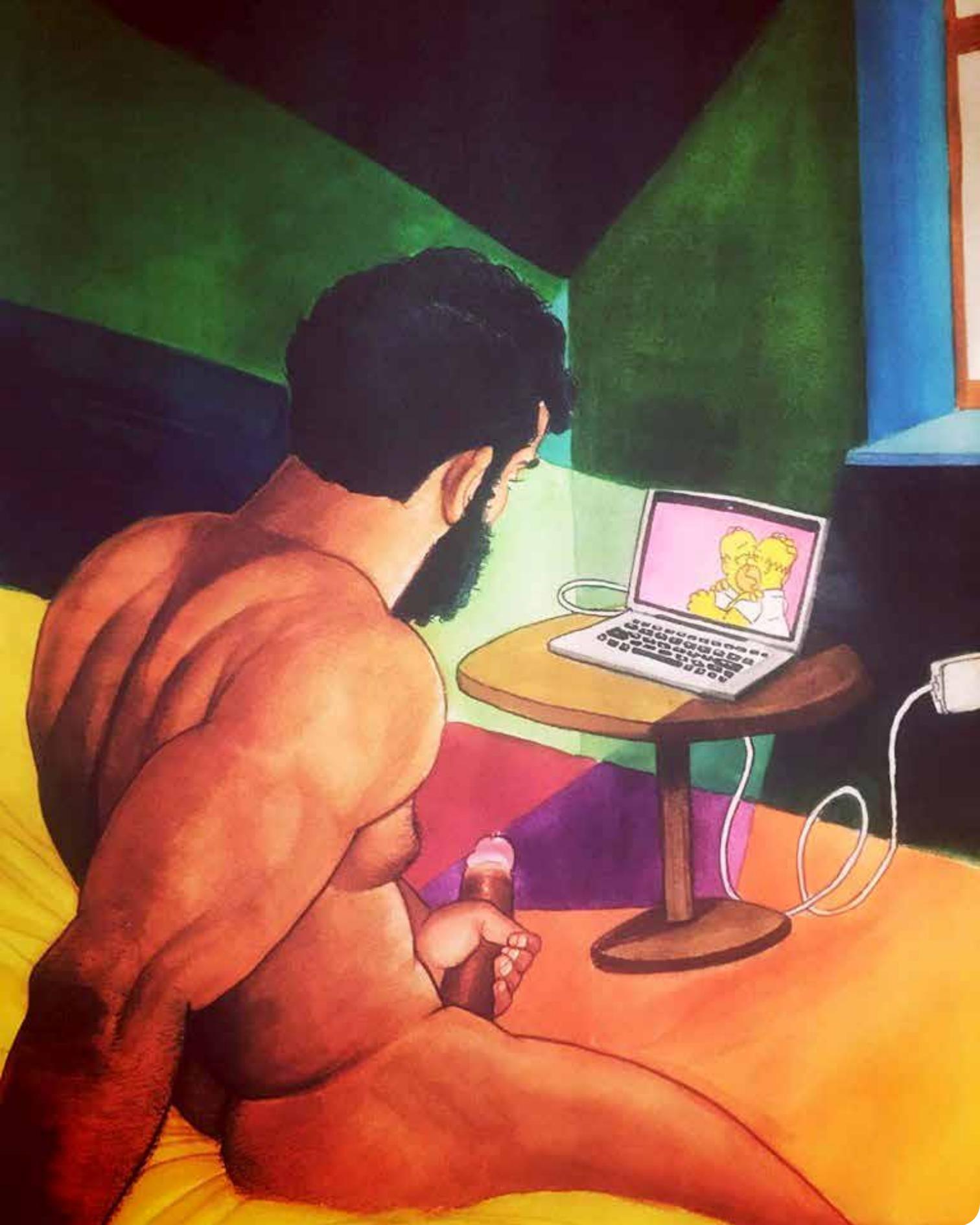
Pirarucu em “Hardcore”, aquarela sobre papel (2017).

Pirarucu, aquarela sobre papel (2015).



Pirarucu, aquarela sobre papel (2017).



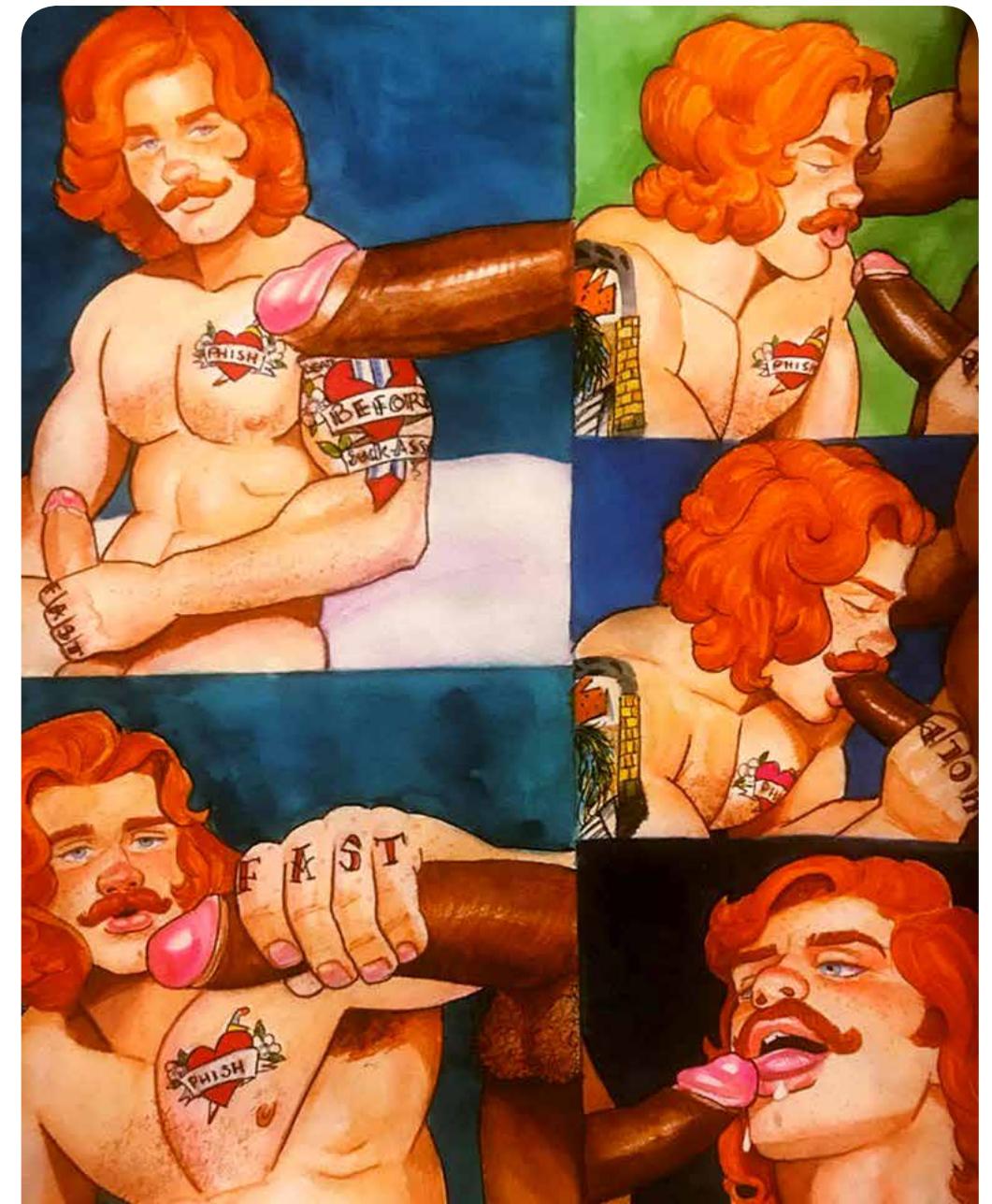


Pirarucu em "Homer-sexualidade", aquarela sobre papel (2019).

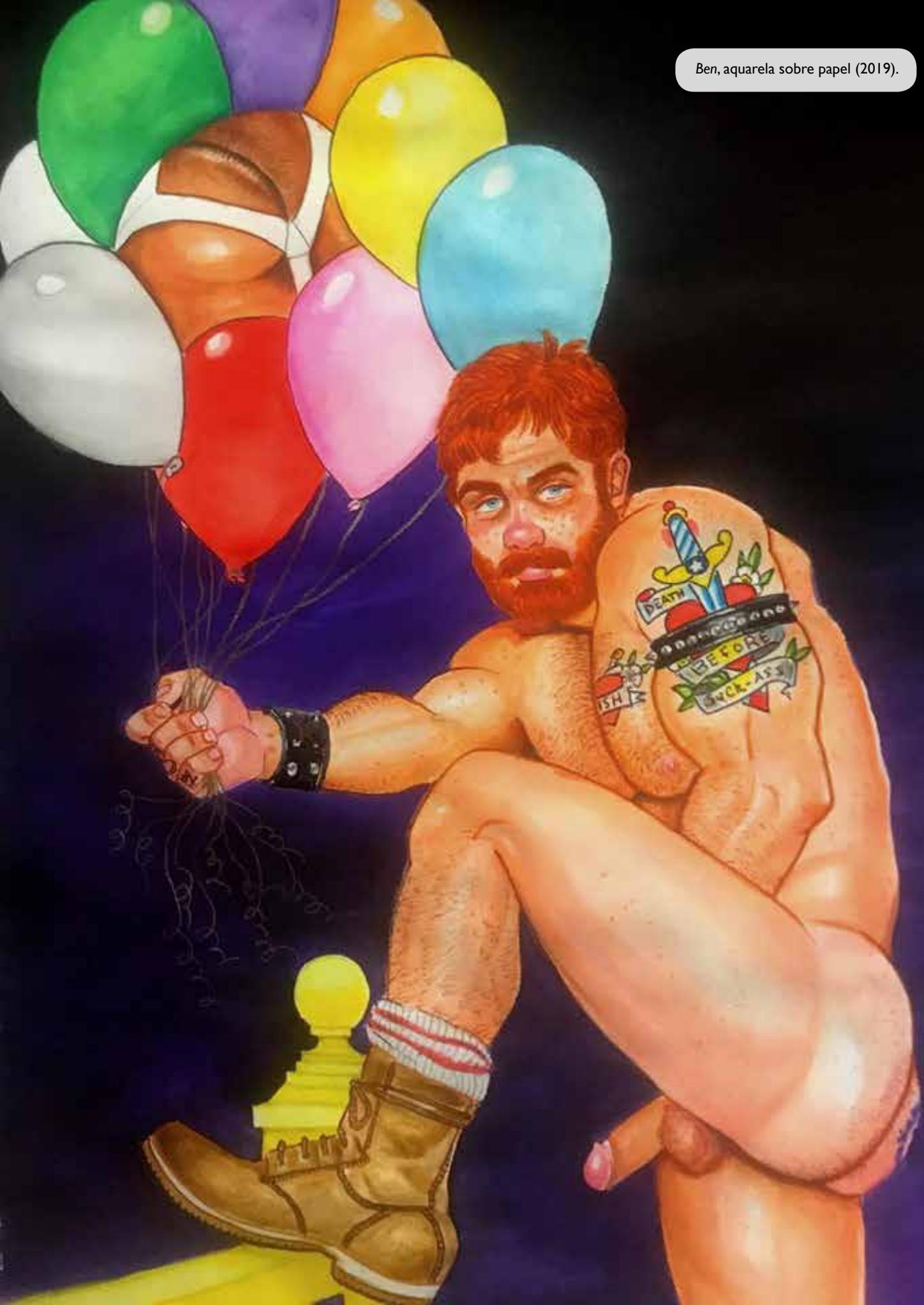
Blake nunca usa modelos para suas ilustrações ou aquarelas ("tudo começa na minha cabeça, onde escolho as imagens mentais que vou passar para o papel da melhor forma possível"). Rostos são sua preferência e só retrata genitais se for importante para contar uma história ou transmitir uma emoção específica ("nudéz é ótima, mas nem sempre necessária"). Costuma dizer que imagens explícitas acabam mostrando não somente suas próprias frustrações sexuais, mas também o quanto a sociedade está obcecada por paus, principalmente quando sua Arte recebe mais atenção ou é melhor avaliada quando aparece uma ereção.

Apesar disso, quando desenha um pênis, provavelmente ele estará ereto. Raramente desenha pênis flácidos:

Não vejo razão. Quando está duro, você praticamente sabe porque está assim e qual emoção vai tirar das pessoas. Inclusive costumo desenha pênis de tamanhos consideráveis por diversão.



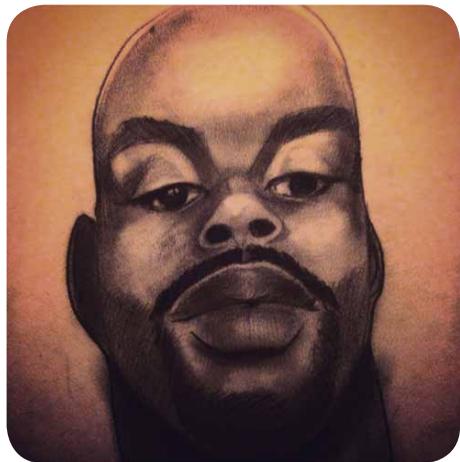
Namorando a ereção, aquarela sobre papel (2019).



Ben, aquarela sobre papel (2019).



Ben & Phish em "A cauda do tigre", aquarela sobre papel (2017).

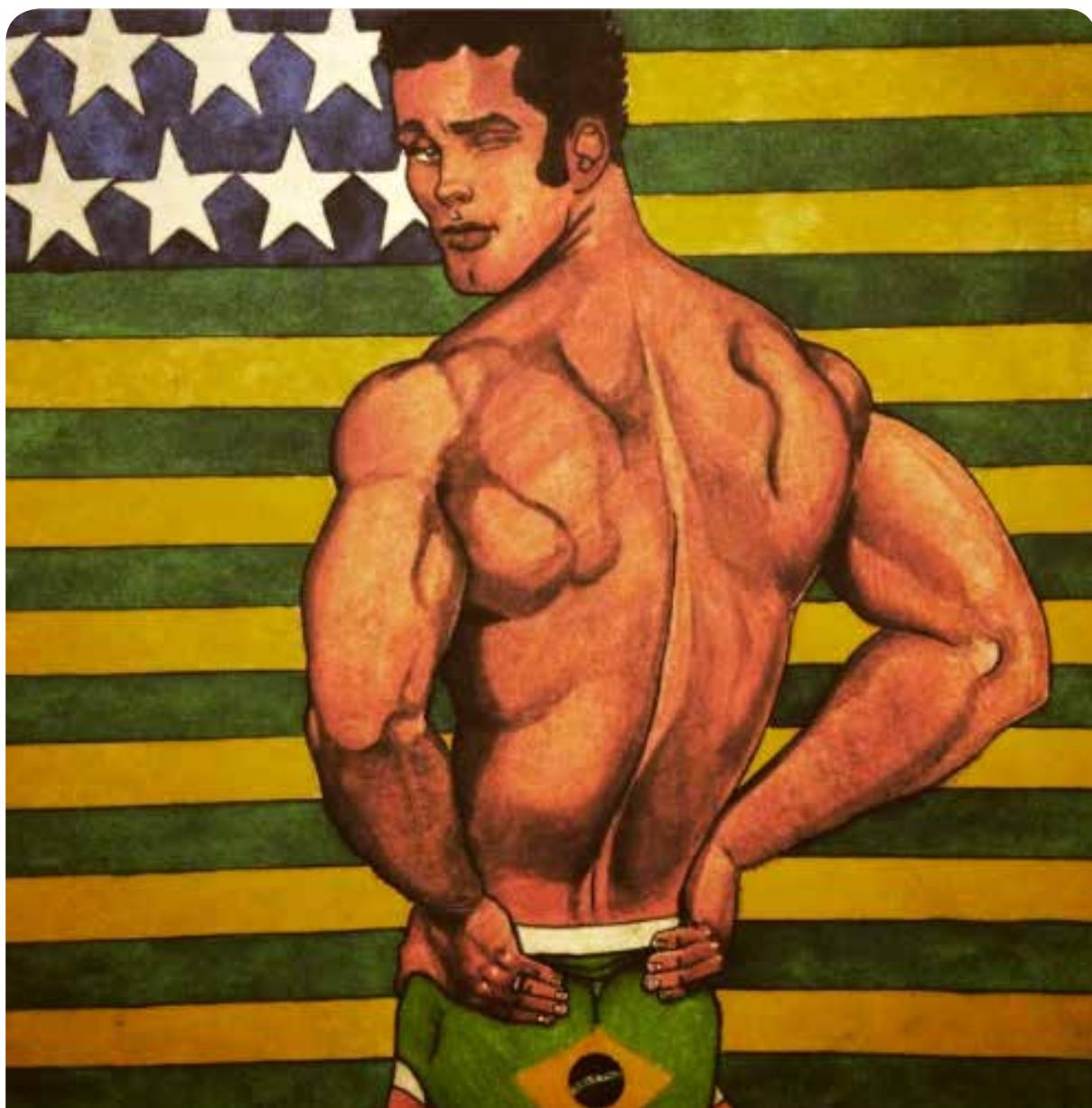


Autorretrato, grafite (2013).

Ele sabe que, enquanto as pessoas (“especialmente homens gays”) estiverem aficcionadas pela visualidade física, o erotismo e a pornografia gay vão pagar suas contas, porém, não quer ser conhecido como monotemático. Quer apenas ser coerente consigo mesmo e sua visão estética para viver com honra, integridade e inspiração. **8=D**



Pirarucu in “Ordem e Progresso”, aquarela sobre papel (2010).



Você percebeu que alguns personagens se chamam **Pirarucu**, o nome do peixe amazônico? Blake me contou que estava assistindo um episódio de *Wildboyz* (programa da MTV) que se passou no Brasil e ouviu a palavra “pirarucu”. Ele achou-a forte e masculina, e imediatamente criou um personagem. Aliás, foi esse nome também que me levou a contactá-lo.



Cirurgia plástica para você!



Dr. Alcemar Maia Souto

CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000 alcemarmaiasouto@gmail.com



Maurice Weston

por Filipe Chagas

Modelo: Kyron.

Gay e negro, Maurice Weston sempre curtiu observar a nudez de homens de cor, sendo natural para ele encontrar uma forma artística de celebrar isso. Costumava desenhar vestidos de alta costura quando criança, mas não sabia costurar. Então, se tornou maquiador, usando retratos femininos para estudar teoria de cor e misturas. Quando finalmente aprendeu a costurar, criou sua própria edição limitada de uma linha de sungas e começou a brincar de fotografar. Em 2016 decidiu parar com o design de moda e focar na fotografia com seriedade.

Com Robert Mapplethorpe de referência – além de outras influências contemporâneas como Justin Monroe, Mark Henderson e Marvin Bienaime –, seu processo criativo envolve entender como o corpo nu se movimenta no espaço para perceber quais áreas do corpo chamam mais sua atenção. A partir daí é capaz de formular um conceito baseado para aquele corpo específico. Por isso, prefere ver o corpo ao vivo, porém, se não for possível, ele solicita algumas imagens para ter uma ideia da forma nua.

Cada homem tem suas características físicas dominantes que são únicas a ele e é isso que tento destacar em cada ensaio sob medida.

Maurice considera a forma masculina um equilíbrio sinérgico de poder, elegância e sensualidade. Portanto, explorar o físico masculino é explorar esses atributos, mostrando-os enquanto se traduz a história daquele corpo capturado em um único instante.



Modelo: Jarvis.



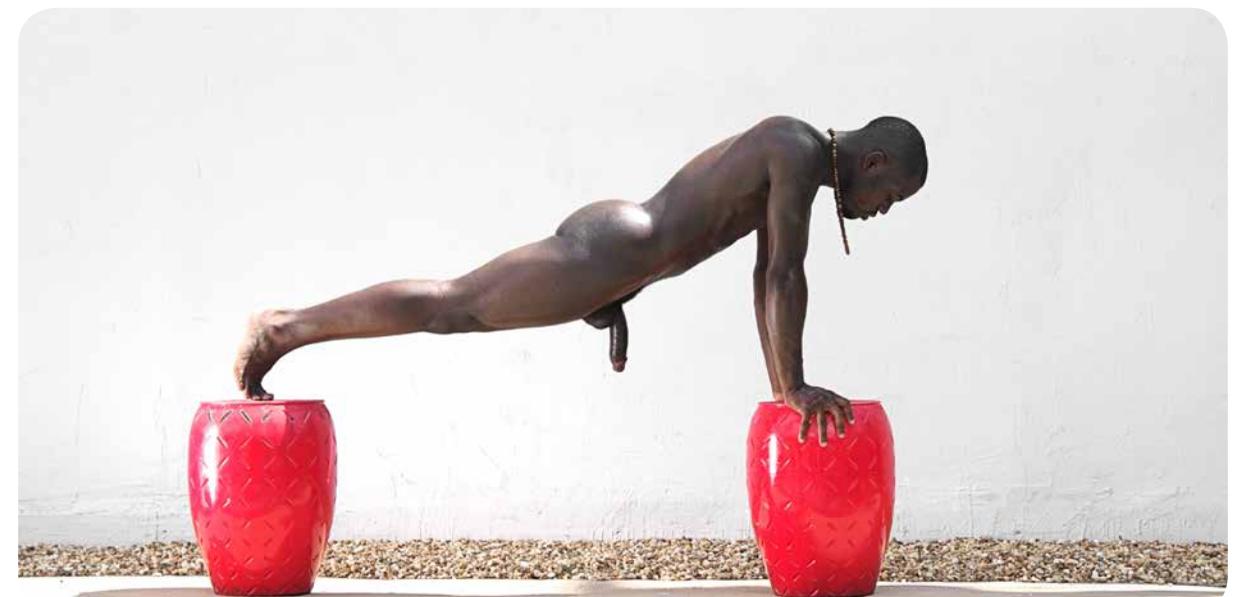
Modelo: Rico.



Modelo: Elo.

Muitos perguntam porque ele só fotografa homens nus e mais especificamente homens de cor. Já foi até chamado de racista por modelos caucasianos quando ele se recusou a fotografá-los:

Sempre respondo com uma simples pergunta: "Você pergunta para um fotógrafo que só trabalha com modelos brancos porque não há homens de cor no portfolio deles?" Claro que a resposta é não. Isso não os afeta, então, eles nem pensam sobre isso. Ser um gay negro fotografando negros e outros homens de cor me garante uma perspectiva diferenciada sobre como, quem e o quê eu fotografo. É importante ter um artista que enxerga e vive as mesmas lutas, inseguranças e medos que seus fotografados. É aí que eu me encaixo. Eu pretendo exaltar e empoderar não só os negros, mas todos os homens de cor.



Modelo: Van.





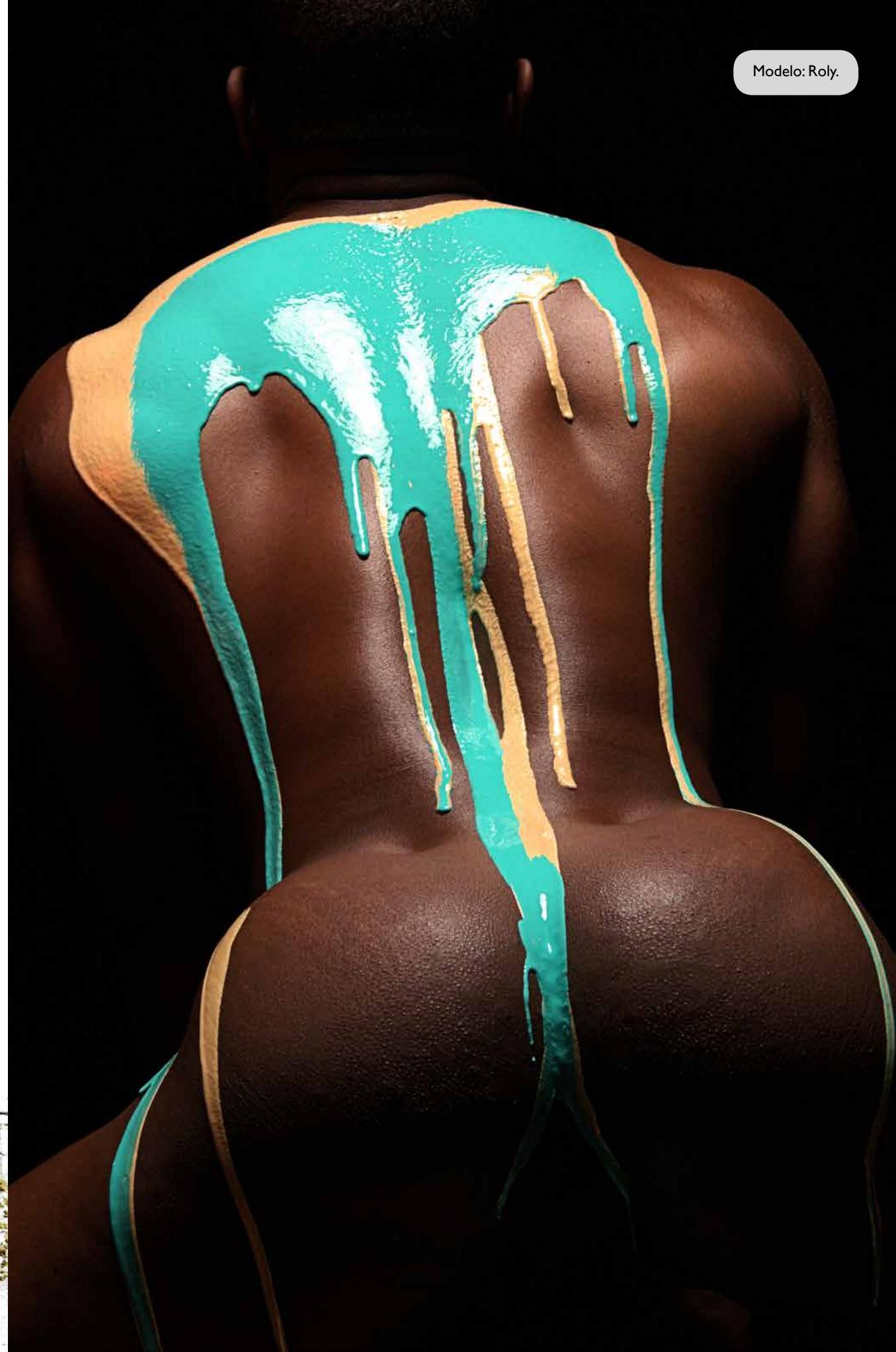
Ele já trabalhou com modelos, pessoas comuns, estrelas pornô, competidores de fitness etc., e percebeu que todos os homens passaram por algum tipo de questionamento psicológico sobre sua imagem corporal.



Enquanto alguns não querem nem mostrar suas fotos ou que alguma parte de seus corpos não apareça, outros são totalmente abertos ao processo criativo.

Modelo: Anthony.

Modelo: Roly.





Os homens que Maurice fotografa costumam ser bem-dotados, portanto, ele precisa escolher com cuidado o efeito e o conceito que deseja: sexual ou sensual é uma linha tênue. Crê ser necessário retirar o estigma ao redor do pênis, pois ele já foi venerado durante milênios e de repente se tornou uma coisa suja e feia que não pode ser vista ou falada (“Tenho tentado mostrar a beleza do membro masculino”). Para aqueles que dizem que seu trabalho fetichiza os corpos negros, Maurice declara:

Modelo: Jarvis.

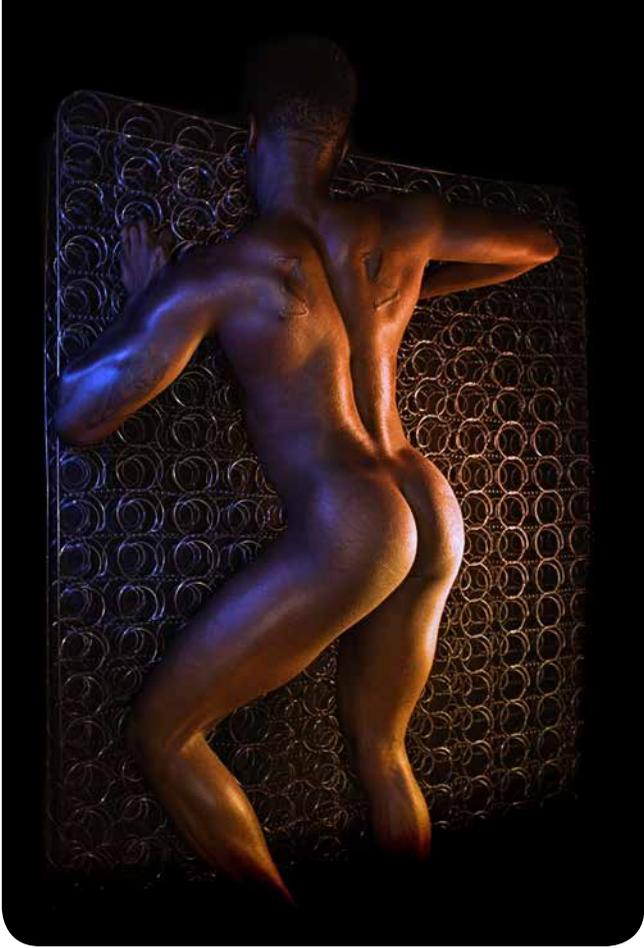


O cerne da minha escolha por esse tipo de fotografia é a capacidade de celebrar a sensualidade e a sexualidade negra em nossos próprios termos.

Modelo: Patrick.



Modelo: Adrian.

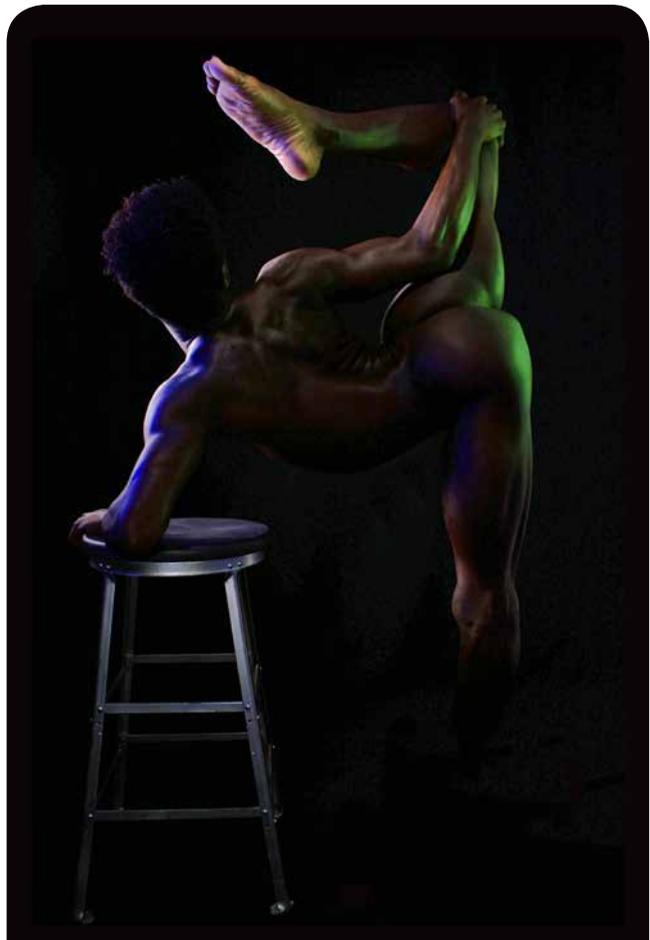


Modelo: Herven.



Modelo: Adrian.

Modelo: Nova.



Modelo: Anthony.





Autorretrato.

Maurice vê a massiva presença das redes sociais espalhando imagens diárias de nudez e acredita que isso seja uma mudança na aceitação da forma masculina (“está quase se tornando trivial”). Dessa forma, ele pretende continuar melhorando suas habilidades fotográficas para se manter verdadeiro à sua visão estética quanto tentarem impedi-lo. **8=D**



Modelo: Patrick.



thered.com.br

Corporate Identity

Branding

Prints & Advertising

Social Medias

Web

Magazines, Books &
Digital Publishing

Video Edition

Photography

Anthony Dortch

por Filipe Chagas



Como ele mesmo diz, Antony Dortch é um coringa: ilustrador, pintor de telas, pintor de corpos, escritor e produtor. Seu trabalho artístico raramente possui um design fixo, facilmente cedendo ao processo criativo que altera as ideias originais. Em seu manifesto artístico declara:

Todos nós temos esperanças e medos, sonhos e dores, talentos e experiências. Aqueles mais próximos de nós, nossa família e amigos, sabem de onde viemos, aceitam o que nos tornamos e, ainda sim, gentilmente nos permitem crescer. E é nesses espaços de crescimento que surgem oportunidades únicas para o extraordinário, baseado na minha forte crença de que NINGUÉM É ORDINÁRIO. Uma combinação de intuição psicológica, observação e experiência tem me inspirado a criar interpretações visuais do mundo através das novas tecnologias. Isso me levou a criar paisagens energéticas numa estranha composição emocional humana e movimentos surreais que destacam a ideia de que as pessoas estão conectadas consigo mesmas e com o mundo que não as afasta, mas sim as torna parte de uma única realidade. A evolução do meu trabalho incorpora o uso de tinta e fotografia digital ao meu conhecimento de quadrinhos para produzir uma coleção de imagens sensoriais.

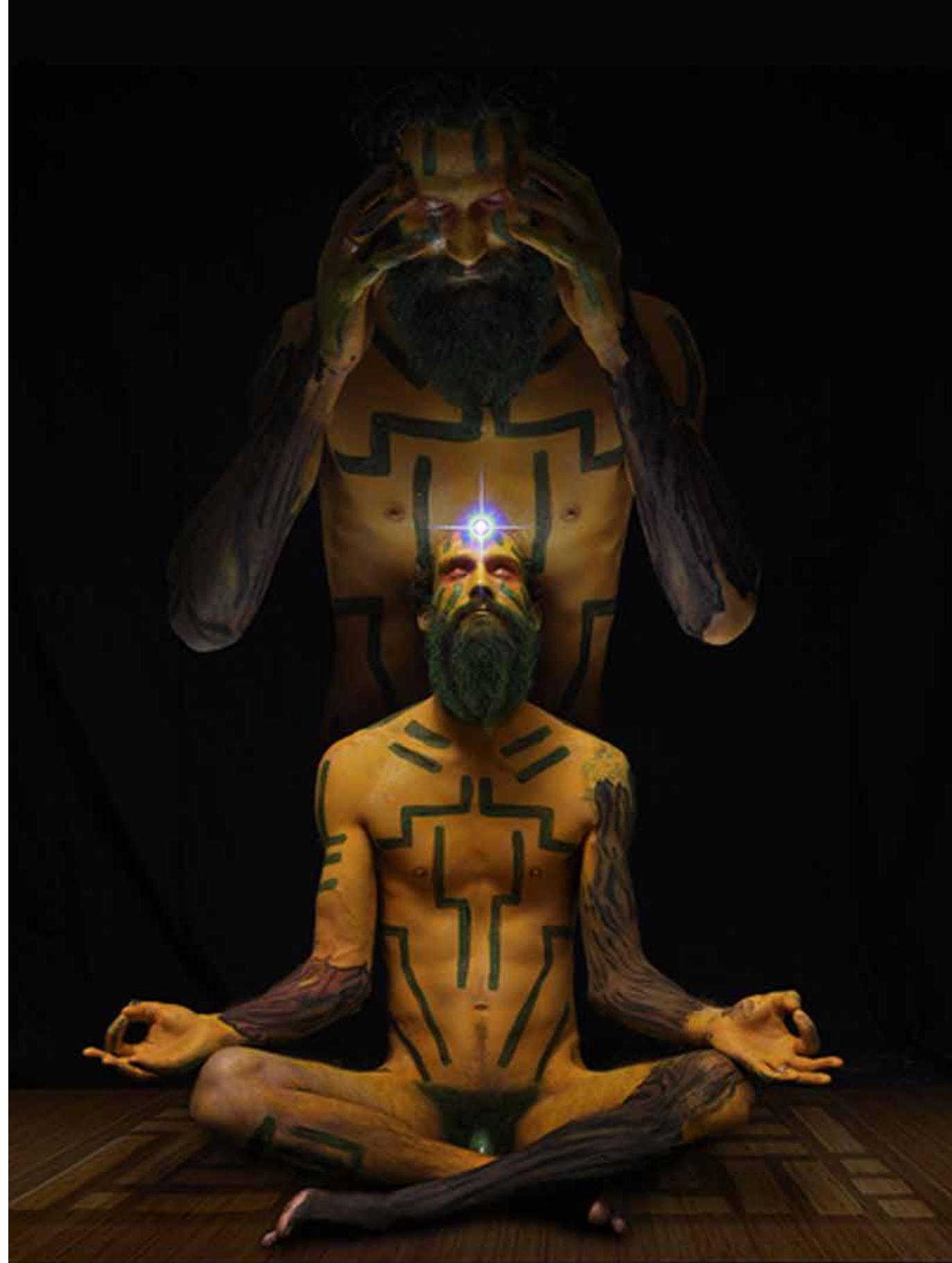
No entanto, Anthony não assumiu essa fluidez criativa até 2009, quando suas ideias começaram realmente a se desenvolver. O projeto chamado *The Privileged Series* representava as diferenças entre ricos e pobres de forma surrealista. Em 2013, o projeto transformou-se em *PURE*, um *fumetti* (estilo italiano de quadrinhos) onde modelos com corpos pintados se tornaram os personagens de um mundo fictício; e em 2014, Anthony colaborou com o YogaBear Studio em San Diego para criar uma série de livros (*PURE Reflection*) a partir de suas criações.

Desde 2015 ele viaja pelos EUA com o diretor Michael Coslow, pintando pessoas com tinta especial cinematográfica para vídeos curtos de seu projeto *3:05 AM Collaborations*. Em 2016, Anthony sofreu um derrame. Durante sua recuperação começou a planejar a produção de seu primeiro longa-metragem, *PURE: the movie*, lançado em 2018.



Anthony pintando um modelo (2018).



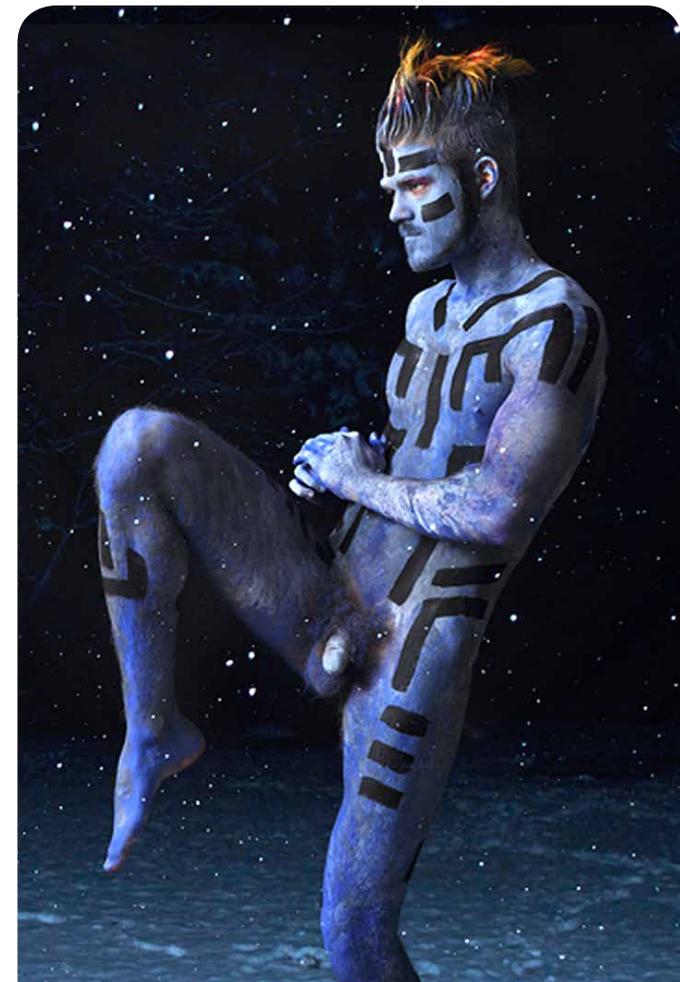
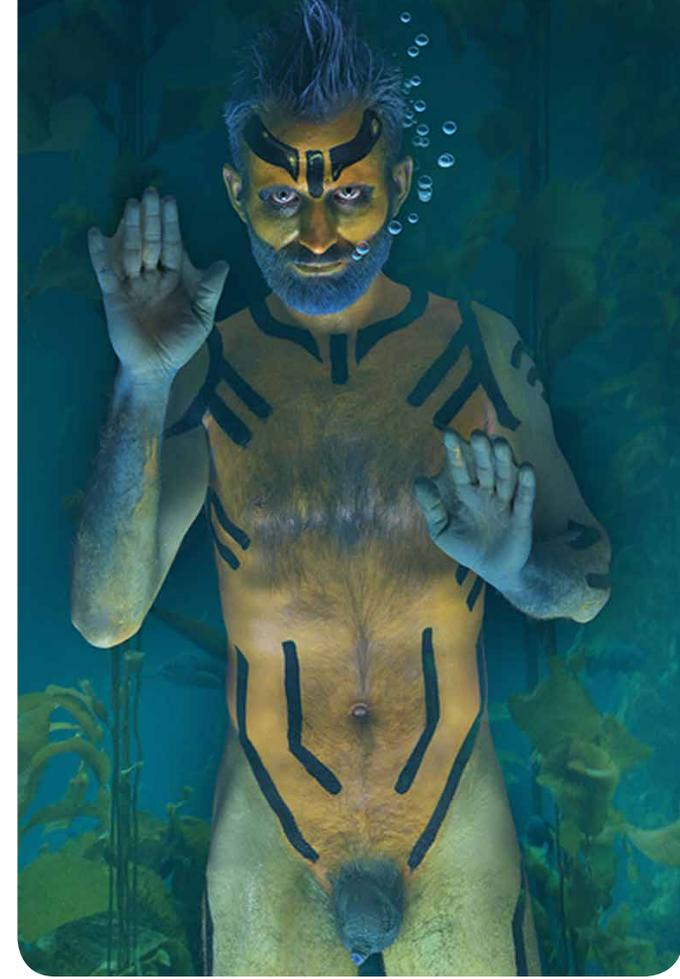
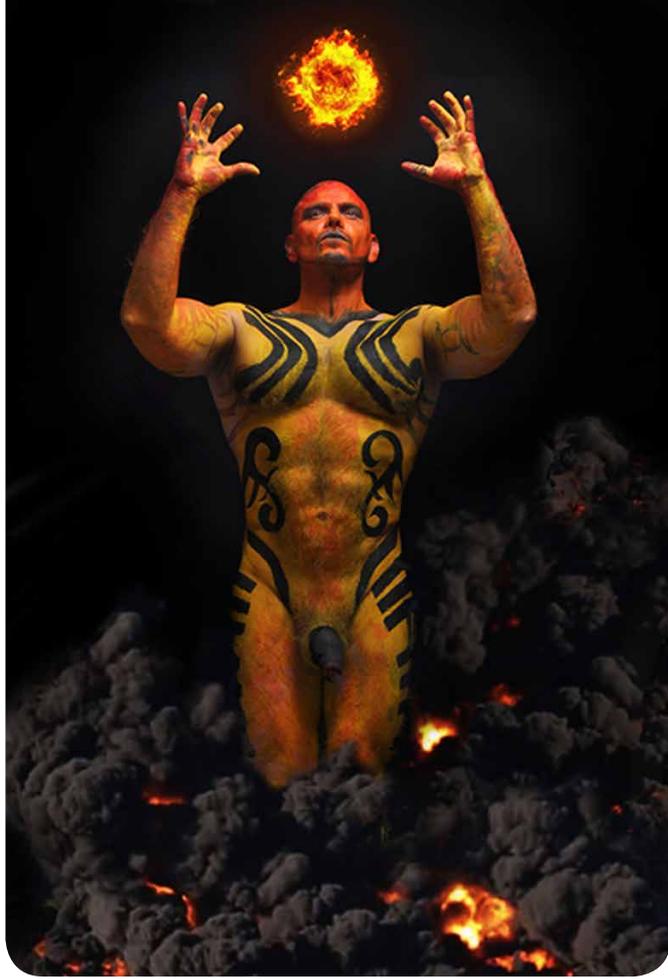


Todos os seus projetos envolvem nudez. Seu objetivo é apresentar a variedade e a beleza do corpo humano, principalmente da figura masculina. Diz que a busca pelo inalcançável corpo perfeito tem sido amplificada pela tecnologia e pela internet, deixando um rastro de corpos envergonhados.

Culturalmente, a nudez é vista como incomum, fazendo com que as pessoas fiquem desconfortáveis em sua presença e prefiram esconder seus corpos. Isso mantém as coisas incomuns e o ciclo se sustenta. Quando apresento um corpo feminino pintado, é comum ele ser visto de forma artística e, portanto, ser mais aceito. Porém, quando apresento um corpo masculino pintado, ele é tachado de homossexual, erótico e perverso. São critérios diferentes para os sexos. Michelangelo criou uma obra prima nua em mármore: Davi mostra seu pênis, seu escroto e seu púbis, sendo aceito por todo mundo. Por que artistas não podem criar usando todo o corpo masculino e serem aceitos?





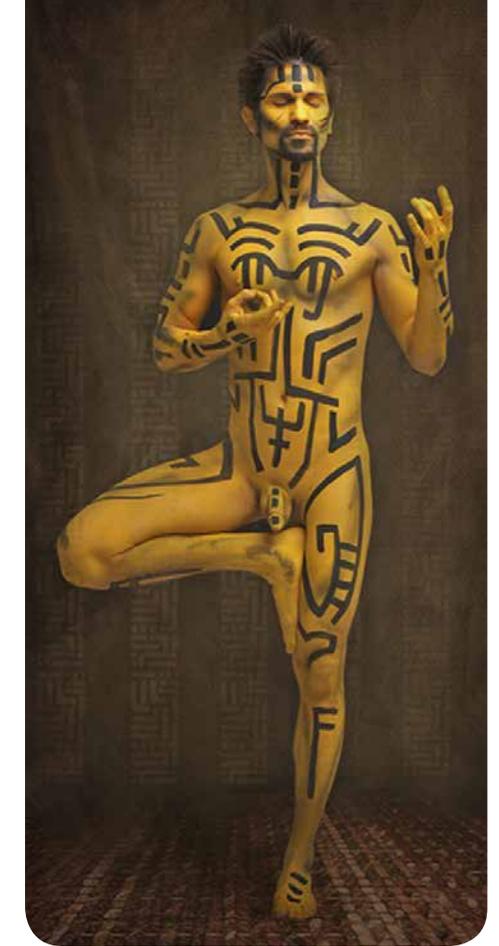




Anthony foca no corpo todo dos modelos, inclusive no pênis. Ereções são usadas caso haja uma razão dela aparecer. O que sempre o surpreende são as histórias que os modelos compartilham. Por exemplo: um contou que sofreu bullying quando jovem e nunca mais se achou atraente; outro acreditava não ter atingido os padrões de beleza e por isso malhava sem parar, mesmo já tendo um corpo invejável.

É por isso que Anthony costuma dar uma excelente conselho para aqueles que trabalham com Arte: “Não se desanime com comentários. Continue em frente, em busca de uma evolução de seu trabalho. Ninguém é ordinário e todo mundo é diferente”. Na verdade, esse conselho é para todos nós. 8=D

Todas as fotos são do YogaBear Studio.



Falo de História

por Filipe Chagas

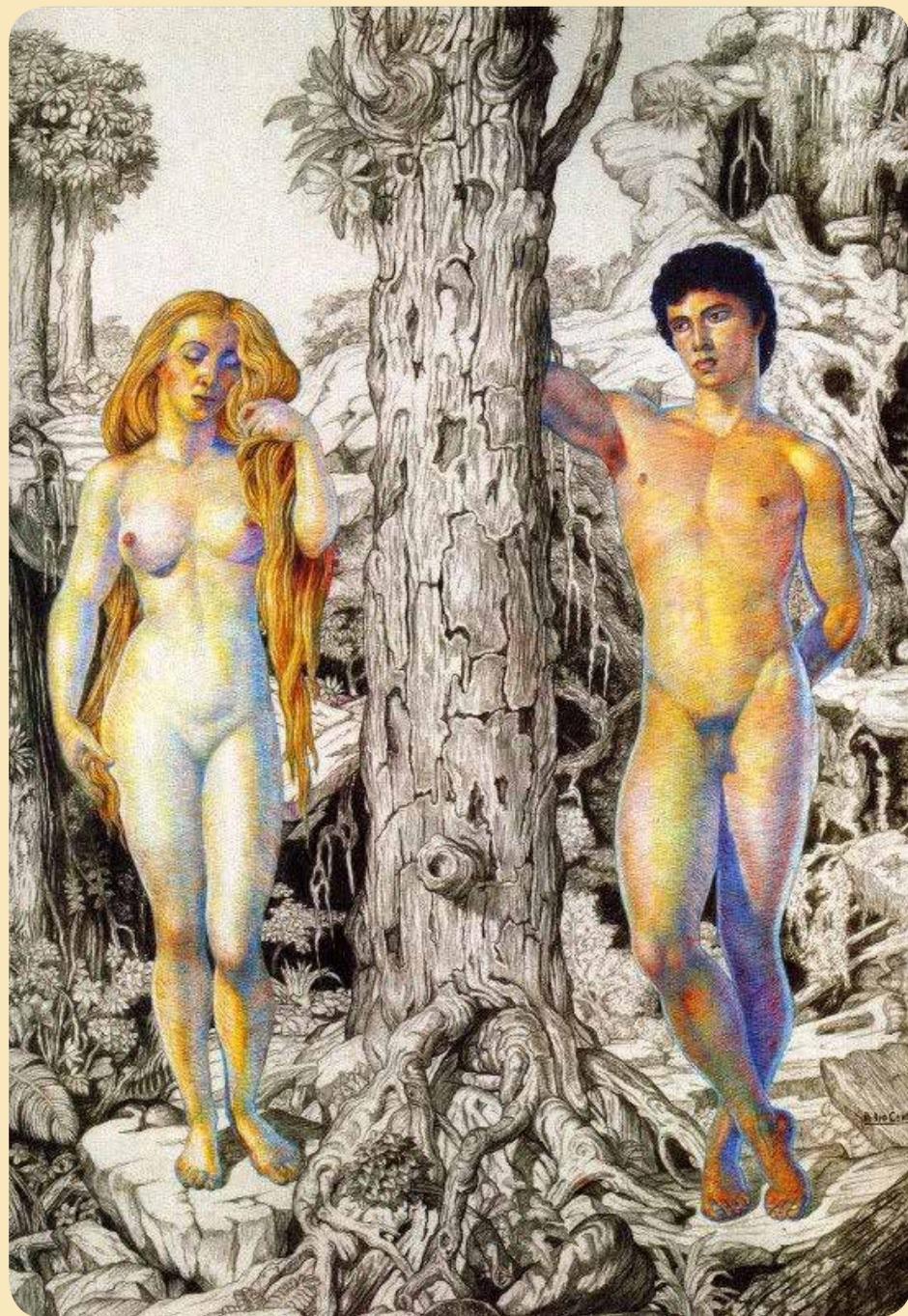
Pedro Centeno Vallenilla

1899 - 1988

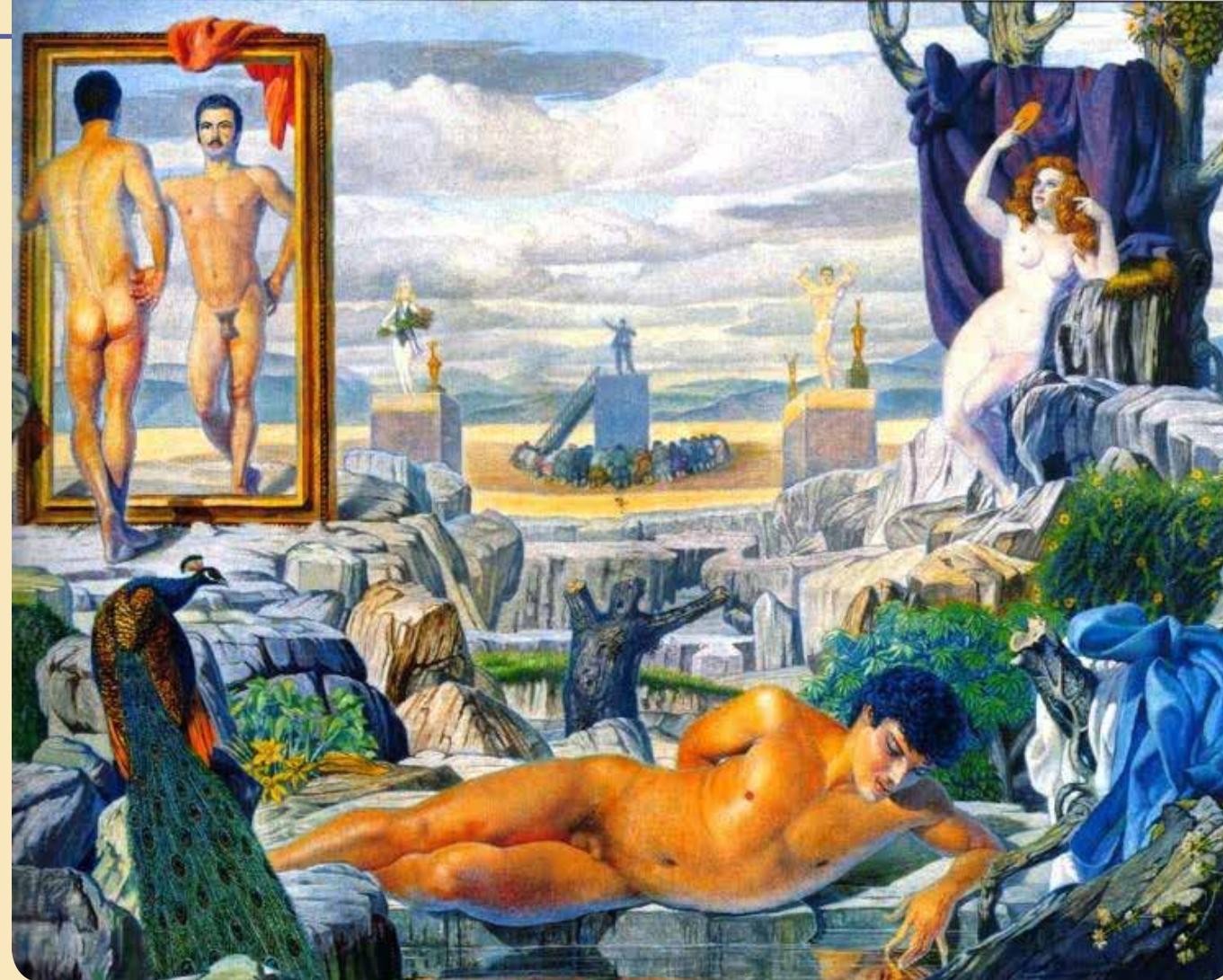
Narciso (s.d.).



Pedro Centeno Vallenilla (1899-1988) nasceu em Barcelona, no estado de Anzoátegui, Venezuela. Apesar de Doutor em Direito pela Universidade Central da Venezuela, começou sua formação aos nove anos na Academia de Belas Artes de Caracas com nomes importantes da arte venezuelana como Álvarez García, Antonio Herrera Toro e Almeida Crespo. Com 16 anos já expunha suas primeiras obras. Em 1917, com 19 anos, teve sua obra “A agonia de Jesus” abençoada pelo arcebispo de Caracas.



Adão e Eva (s.d.).



Complexo de Narciso (s.d.).

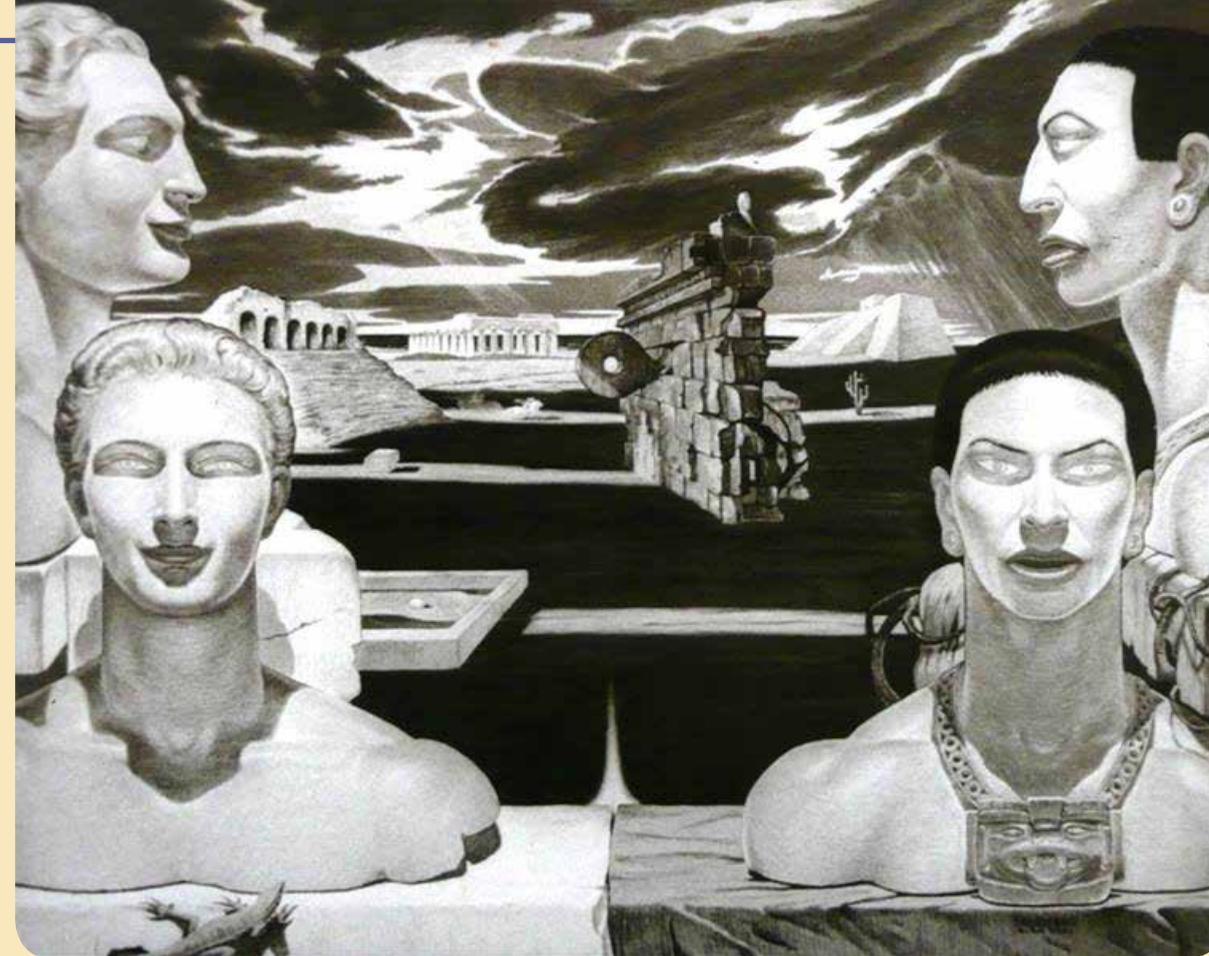
Muitos de seus trabalhos feitos antes de se mudar para a Itália em 1923 expressam conteúdos formais e ideológicos do movimento simbolista. No mesmo ano, Centeno foi nomeado adido civil da Legação da Venezuela em Roma, onde se estabeleceu e se dedicou ao estudo da arte italiana renascentista, principalmente, à obra de Michelangelo. Sua permanência na Itália coincidiu com a ascensão do fascismo e o tipo de arte figurativa que ele defendia, com o culto à figuras heróicas e nus masculinos. Em 1926 expôs pela primeira vez em Roma e retornou a Venezuela por alguns meses para expor 13 obras no Museu Nacional de Belas Artes. Em meados de 1927 retornou a Itália e começou a explorar as combinações dos tipos americanos e europeus em suas obras.

Em 1929 foi nomeado secretário da legação venezuelana perante o Vaticano. O rei da Itália, Victor Manuel III, a pedido do chefe de governo, Benito Mussolini, nomeou-o cavaleiro da coroa da Itália. Em 1931, Centeno fez sua primeira exposição individual na Europa: vinte desenhos na Casa da Espanha em Roma. Serviu como diplomata em Paris em 1932. Nesse período os críticos se alternavam em dizer que sua técnica era uma herança impecável dos mestres italianos porém não dava importância à composição total da obra, ignorando paisagens e fundos numa dificuldade de superar sua necessidade de limpeza pictórica.



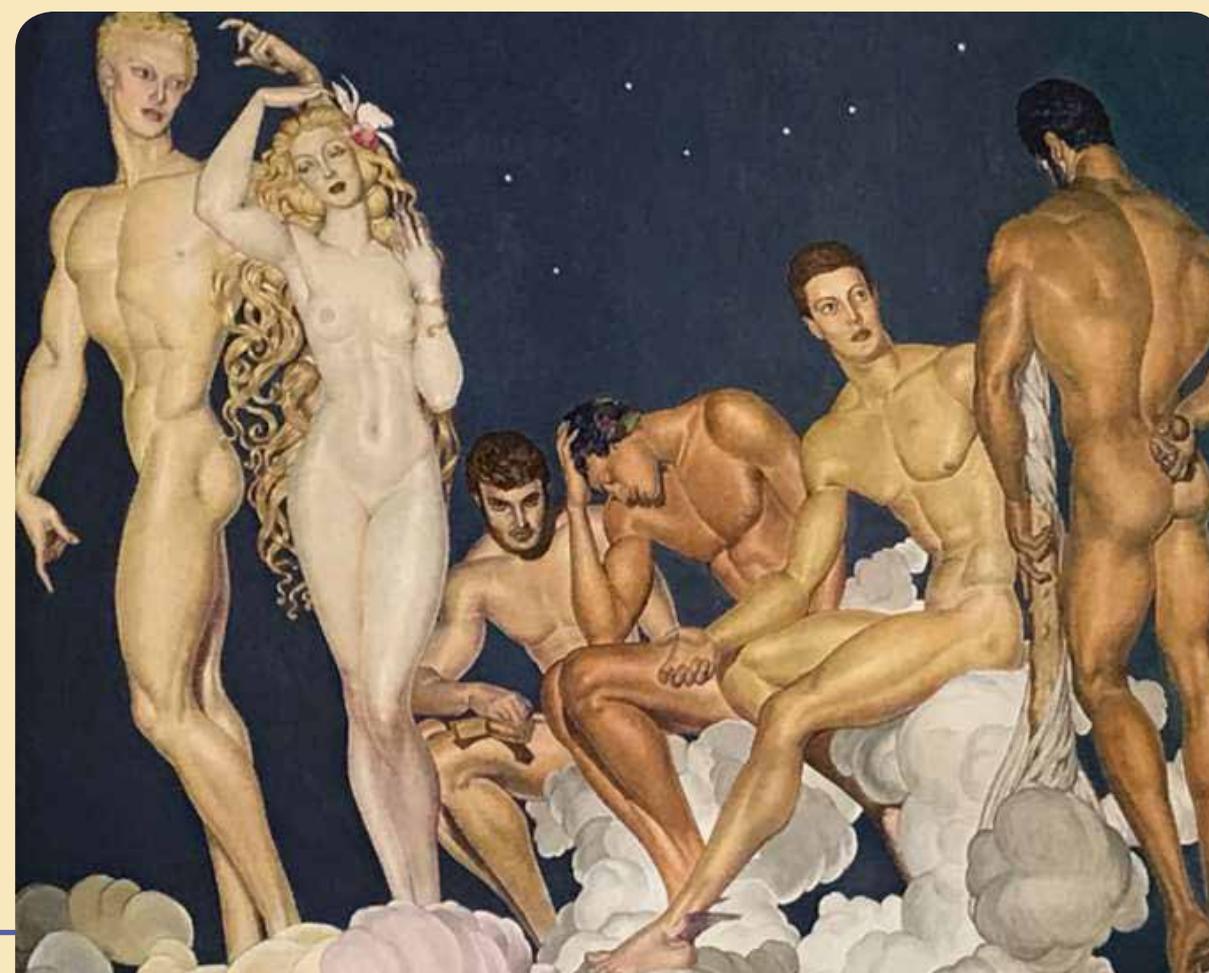
Em 1940 foi inaugurada a sede da Embaixada da Venezuela em Washington com obras de Centeno. Ele, então, se mudou para Nova York e permaneceu nos EUA até 1944, onde se formou em Ciências Políticas. Seu trabalho sofreu inúmeras influências do *art déco* estadunidense, especialmente na radicalização das formas escultóricas e em composições que iam do simbólico para o alegórico. Porém, durante a Segunda Guerra, os críticos diziam que a obra de Centeno havia ganhado tons amargos e dramáticos vindos de um olhar desolado. Sua pincelada permaneceu densa e texturizada, mas as atmosferas se tornaram melancólicas e opressivas, enquanto os corpos foram fragmentados em estátuas vivas. Alguns historiadores dizem que Centeno também entrou em contato com o trabalho de George Quaintance (1902-1957), que estabeleceu uma estética homoerótica a partir do corpo masculino.

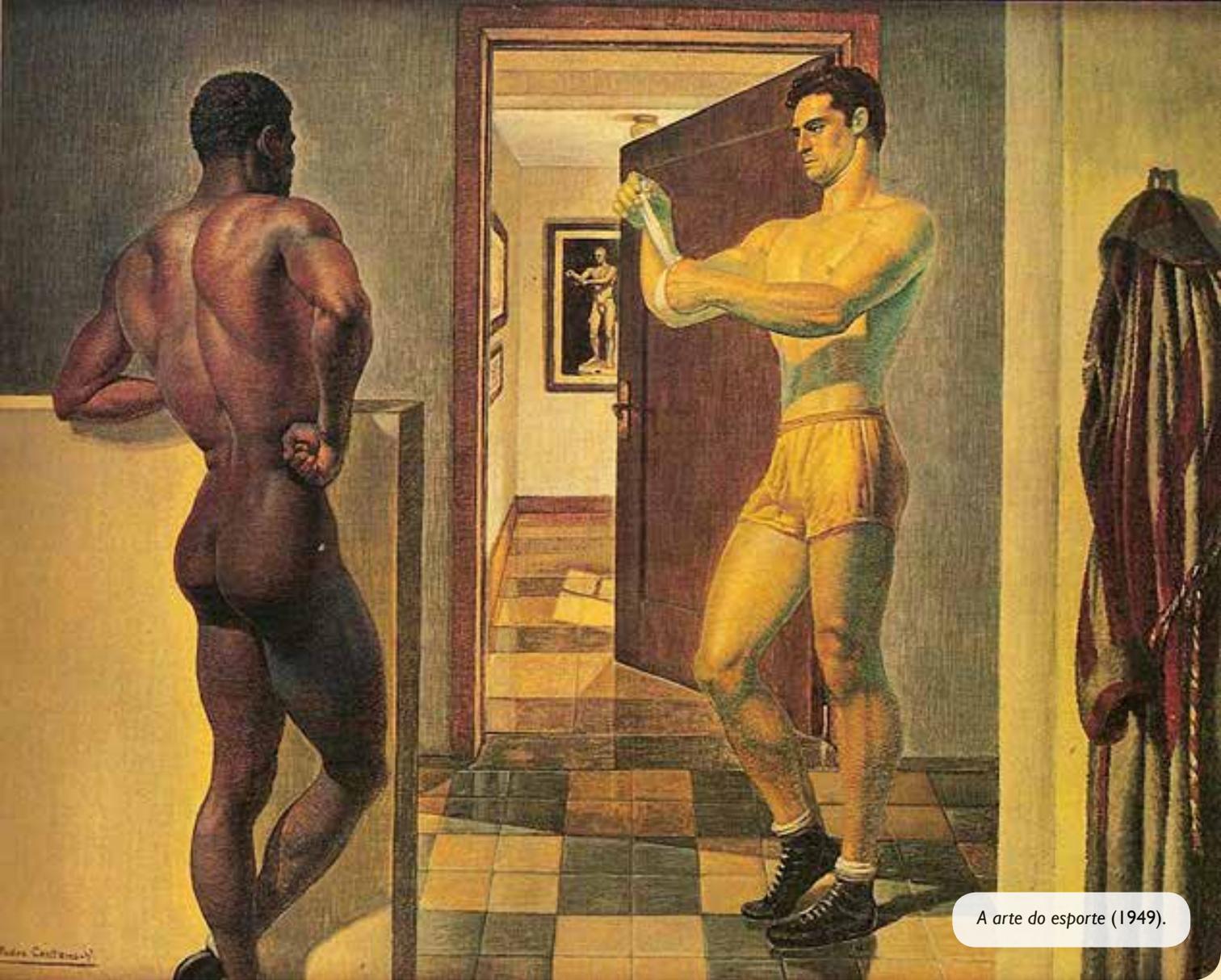
A derrota da esfinge (s.d.).



Os gêmeos do mito (fotografia da obra, 1942).

Deuses do Olimpo (s.d.).

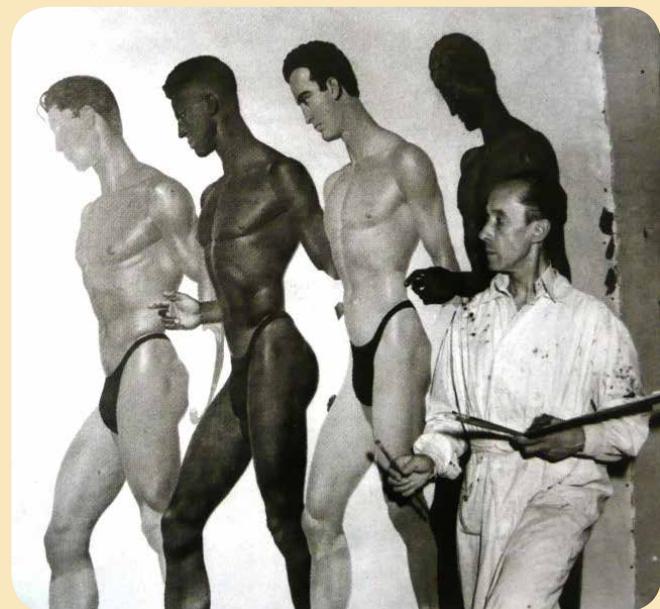




A arte do esporte (1949).

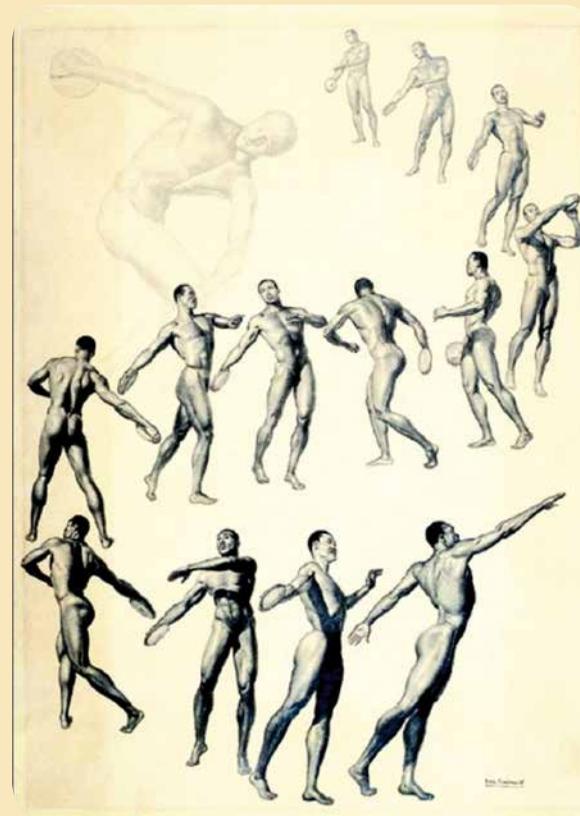


A passagem da tocha (fotografia da obra, 1945).

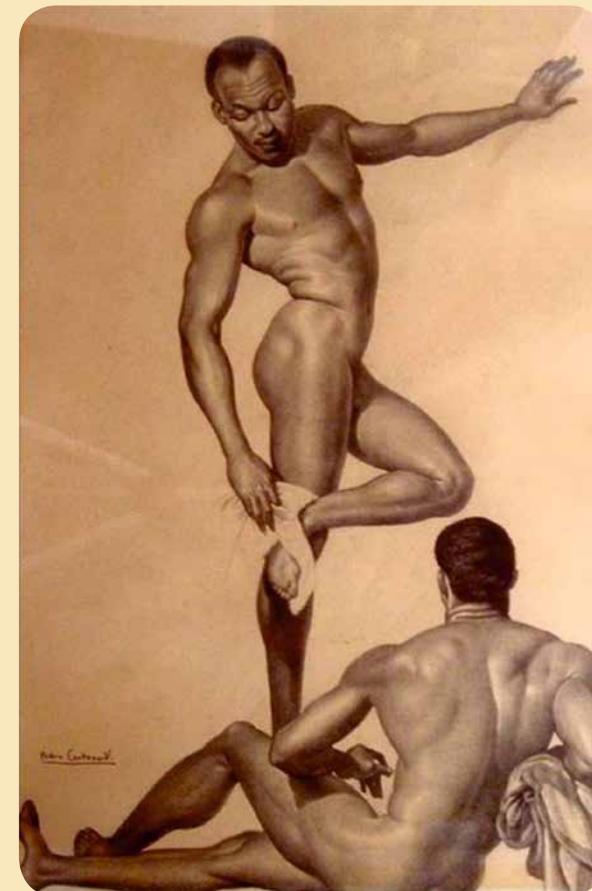


Seguindo o “nativismo simbólico” que dominava a arte latinoamericana da década de 1940, Centeno retornou a Venezuela em 1948 e fez retratos de chefes locais, ilustrou livros sobre mitos indígenas, pintou atletas e abriu em Caracas, o Estudio Centeno, um espaço gratuito de ensino das artes. Também foi um dos fundadores da Associação Venezuelana de Artistas Plásticos Independentes (AVAPI, também chamada de *Los Independientes*) que oferecia uma alternativa aos rejeitados dos salões oficiais, bem aos moldes dos impressionistas franceses.

Centeno pintando *O eco olímpico* (1950).



Estudo de movimento do discóbolo, grafite (1950).



Dois atletas (1950).



A fecundidade, mural não finalizado (1943).

Após a ascensão do governo militar venezuelano, Centeno desempenhou um papel de liderança na consolidação de uma iconografia histórica. Fez os primeiros murais do Capitólio Federal (1953) e para o Círculo das Forças Armadas (1956), e desenhou moedas com figuras emblemáticas nacionais. Acabou ficando vinte anos sem uma exposição formal. Na década de 1980, realizou algumas retrospectivas, onde ficou clara a potência de seu desenho muito próximo das formas renascentistas e carregado de uma simbologia americana onde o racial e o mítico se expressam através de figuras escultóricas de nus masculinos e femininos idealizados em uma alegoria de sensualidade tropical. O curador e crítico de arte Manuel Díaz diz que “o homoerotismo e a pluralidade sexual foram tão elegantemente incorporados nas obras de Pedro Centeno Vallenilla que convidam o espectador a refletir sem tabus sobre os desejos sexuais de nossos povos indígenas sem a intervenção desses preconceitos sociais que hoje eles já desapareceram”.

Não há informações sobre sua vida pessoal ou inclinações políticas. O pintor foi encontrado morto em seu estúdio em Caracas aos 89 anos por um sobrinho – somente dois dias após sua morte, pois havia proibido qualquer um de interrompê-lo em seu trabalho artístico. Deixou para as gerações presentes e futuras o rastro de um valioso e histórico legado artístico de união do classicismo à arte nativa da Venezuela. **8=D**

Nota do Editor: Há pouquíssima informação sobre o artista na internet. Por essa razão, as legendas das obras estão incompletas.



Autorretrato, acrílica e bastão à óleo em linho de Jean-Michel Basquiat, 1982.

Fetichização do corpo negro

por Marcus Vinicius | Otello



Como profissional do sexo, recebo muitos convites para surubas e putarias. Sem querer virei referência no assunto na minha cidade. Porém tem um convite em especial que me tem provocado a pensar sobre, pois acontece com muita frequência. Normalmente, vindo de brancos, todos querem uma coisa: serem devorados por corpos negros. Na linguagem do pornô, o famoso gang bang. Me dá até preguiça de dissertar sobre. Na real, é mais uma amostra de como nós – negros – somos fetichizados pelos brancos e pela nossa sociedade.

Temos que ser ativo, viril, comedor/reprodutor. Mas é hora de um basta, de gritar!

O feminino está em mim como o falo está para o meu corpo. Apenas está. Vivo a liberdade de experimentar tudo que provoca o senso comum. Transitar entre gêneros é vida. Arte que nos humaniza. Que provoca o sentido real de estarmos compartilhando esse mesmo espaço-tempo. A minha cor não determina minha sexualidade. Nem onde meu corpo deve estar. Meu dote não me obriga a comer geral. Sou mais do que uma rola preta para satisfazer desejos do patriarcado. Sou de carne e osso e vontades infinitas. Meu prazer está em satisfazer a vontade incessante de gozar diferentes momentos. Sou fluido. Sou além de um pau. Sou vampiro. Devoro vidas. Realizo desejos. O falo é mero detalhe. As regras são minhas. Obedeço o meu corpo na busca do gozo onde as carnes são meros coadjuvantes.

Não sou um objeto ao belo prazer do patriarcado, como tem sido ao longo dos tempos. Foi assim durante o Brasil Colônia, passando pelo Império e, segue assim, na República. E a naturalidade como são feitos tais convites me instiga a provocar essa discussão com os brancos. Inclusive, penso até em preparar um texto padrão para retornar a todos eles a cada convite feito. De boa, se for para organizar/produzir um gang bang com os manos pretos é óbvio que o farei comigo no centro do rolê (preto com preto é muito mais gostoso) e não com um branco qualquer. E de boa, se você – branco – tá mesmo a fim de um; primeiro, tenha amigos e contatos pretos, depois convide-os para o rolê e pronto.

Cansa ser preto em um país racista.



O ogó de Exu

por Filipe Chagas



Exu é o orixá (divindade) da criação e da comunicação. A palavra Èsù, em iorubá, significa “esfera”, portanto, Exu é o orixá do movimento. Recebe diversos sobrenomes, de acordo com a função que exerce ou com suas qualidades: *Elegbá* ou *Elegbará*, *Bará* ou *Ibará* (aquele que tem poder ilimitado, título outorgado por Olorum), *Alaketu* (assistente de Orunmilá que, através de uma artimanha, conseguiu ser o rei da região, tornando-se um dos reis da nação), *Àkeró* ou *Akessan* (chefe de uma missão, responsável por supervisionar as atividades do mercado do rei de Oyó), *Ijelu* (aquele que rege o nascimento e o crescimento de tudo o que existe), *Baraketu* (guardião das porteiras), *Lonan* (guardião dos caminhos) e *Iná* (reverenciado na cerimônia de abertura). Em Angola, recebe o nome de *Aluvaiá* (comunicação, corpo humano e comunidade), *Pambu Njila* (caminhos e encruzilhadas, associado a pombajira). Em Ifé foi chamado de *Exu Obasin*, companheiro de Odudua.

Filho de Olodumaré, e irmão de Ogum e Oxóssi, ele é o guardião do Axé. Recebe essa energia de seu pai e a coloca à disposição de todos, seja para os homens ou para os orixás, multiplicando-se e individualizando-se.

Seu cajado ou bengala, o **ogó**, possui formato fálico, feito de madeira e cabaças que fazem referência a anatomia do pênis e simboliza seu poder concentrador e semeador. Tal qual seu portador, o **ogó** é multimídia e multiplataformas, possuindo imensos poderes, como, por exemplo, transportar o orixá para lugares longínquos em segundos, já que Exu precisa estar em todos os atos, em todos os domínios.

Exu participa da criação do mundo e de si próprio, portanto, a forma fálica do **ogó** também simboliza o poder de criação capaz de perpetuar a vida.



O falo representa o desejo vital, o ímpeto. O pau rijo é a contração que existe antes da reprodução de qualquer coisa, é o fluxo de sangue vivo, é o próprio movimento da vida.

Felipe Zúñiga, pesquisador de orixalidade astrológica

Larôye!

Uma lenda sobre um duelo entre Exu e Ossaim revela outros poderes do **ogó**:

[...] Ossaim foi consultar seus adivinhos temendo a morte. Os adivinhos disseram para Ossaim fazer ebô e não enfrentar Exu, pois ele era um homem muito forte. Ossaim retrucou dizendo que Exu só possuía sabedoria, enquanto ele era um grande mago e poderoso feiticeiro. E lá se foi Ossaim ter o encontro com Exu numa encruzilhada de três pontas (oritá). Chegando lá, Exu e Ossaim trocaram provocações, cada um dizendo que era mais forte do que outro. Então Exu disse:

— Se eu empurrar essa árvore, ela cairá sobre você!

Exu empurrou a árvore, mas Ossaim conseguiu se esquivar. Exu disse:

— Se eu encostar meu ogó em você, você será queimado!

Exu encostou e Ossaim não queimou, só saiu fumaça. Então, Ossaim disse:

— Exu, o que você viu são minhas proteções, razão pela qual você não consegue me fazer mal.

Exu ficou mais irritado e disse:

— Ossaim, se eu bater com meu ogó no chão, vai brotar água e lhe cercar.

E assim Exu fez e a água começou a cercar Ossaim. Mesmo vendo que a força de Exu era maior que a sua, Ossaim entrou em luta corporal com ele.

Depois de algum tempo, Ossaim percebeu que não iria vencer Exu e implorou por perdão. Exu disse que não lhe desculparia, pois Ossaim havia lhe desrespeitado, e quebrou sua perna com um golpe do ogó. Então Exu disse:

— Se eu lhe matar agora, você nunca saberá o valor de minha força, porém, eu lhe castigarei.

Com o ogó golpeou a cabeça de Ossaim, que perdeu a fala. Ossaim se levantou amedrontado e foi o mais rápido que conseguia encontrar seus adivinhos para ver se encontrava alívio para o seu sofrimento. Porém, eles lhe dizem:

— Você foi brigar com Exu Òdàrà, que é mais forte do que você. Você não sabia que ele é o líder dos orixás? Não há nenhuma divindade que desafie Exu. Em razão desse desafio à Exu, nada podemos fazer. [...]

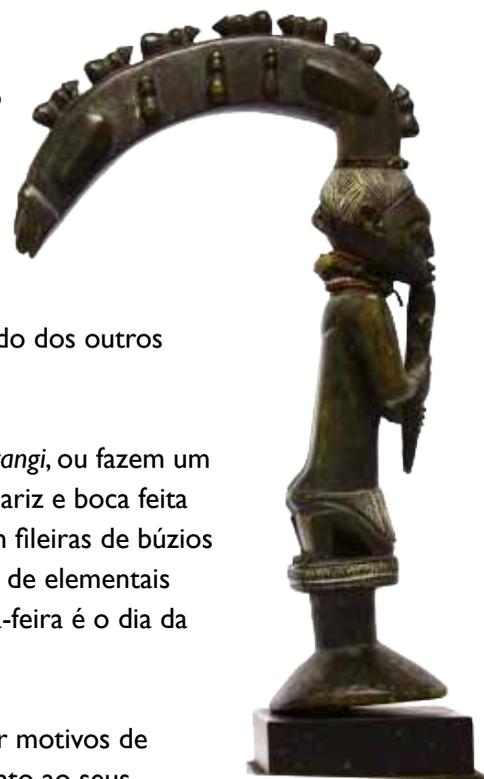
Exus, ilustrações de Felipe Caprini



No candomblé, Exu é quem deve receber as oferendas em primeiro lugar a fim de assegurar que tudo corra bem e de garantir que sua função de mensageiro entre o *Orun* (o mundo espiritual) e o *Aiye* (o mundo material) seja plenamente realizada. Dessa forma é saudado (“Larôye!” que significa “o bem falante e comunicador”) antes de todos os orixás, antes de qualquer cerimônia ou evento. Em toda casa de candomblé há um quarto para Exu, sempre separado dos outros orixás, normalmente assentado na entrada como guardiões.

Os iorubás cultuam Exu em um pedaço de pedra porosa chamada *yangi*, ou fazem um montículo grotescamente modelado na forma humana com olhos, nariz e boca feita de búzios. Ou ainda o representam em uma estatueta enfeitada com fileiras de búzios tendo em suas mãos pequeninas cabaças onde carrega diversos pós de elementais da terra usados de forma bem precisa em seus trabalhos. A segunda-feira é o dia da semana consagrado a Exu e suas cores são o vermelho e o preto.

Na umbanda, exus são entidades de pessoas desencarnadas que, por motivos de evolução espiritual, retornaram à terra para cumprir essa missão junto ao seus seguidores. Essas entidades são confundidas com o Exu do candomblé, porém não são uma divindade e sim espíritos capazes de incorporação.



Estátua africana de Exu. (Fonte: MASP)

Foi sincretizado ao arcanjo Miguel na região Centro-Sul do Brasil, com Santo Antônio na Bahia e São Bartolomeu em Pernambuco. É associado a Papa Legba no vodu haitiano.

No século 16, durante a colonização europeia na África, Exu foi associado ao diabo cristão, devido ao seu estilo irreverente, brincalhão, provocador, astucioso e sensual. No entanto, isso é um enorme equívoco, uma vez que na construção teológica africana ele não está em oposição a Deus, muito

Instalação *Reconstruindo Exu*, de Alexandre Furtado e Leopoldo Tauffenbach. Foto: Danilo Menezes.

menos é considerado uma personificação do mal porque não existem entidades encarregadas única e exclusivamente de coisas ruins. Na mitologia iorubá (e no candomblé), cada uma das divindades tem sua porção positiva e negativa como o próprio ser humano. Portanto, Exu tanto pode provocar disputas e trazer calamidades para as pessoas que estão em falta com ele quanto ajudar aqueles que o tratam bem. Pode fazer o erro virar acerto e o acerto virar erro, sendo considerado o mais humano dos orixás.

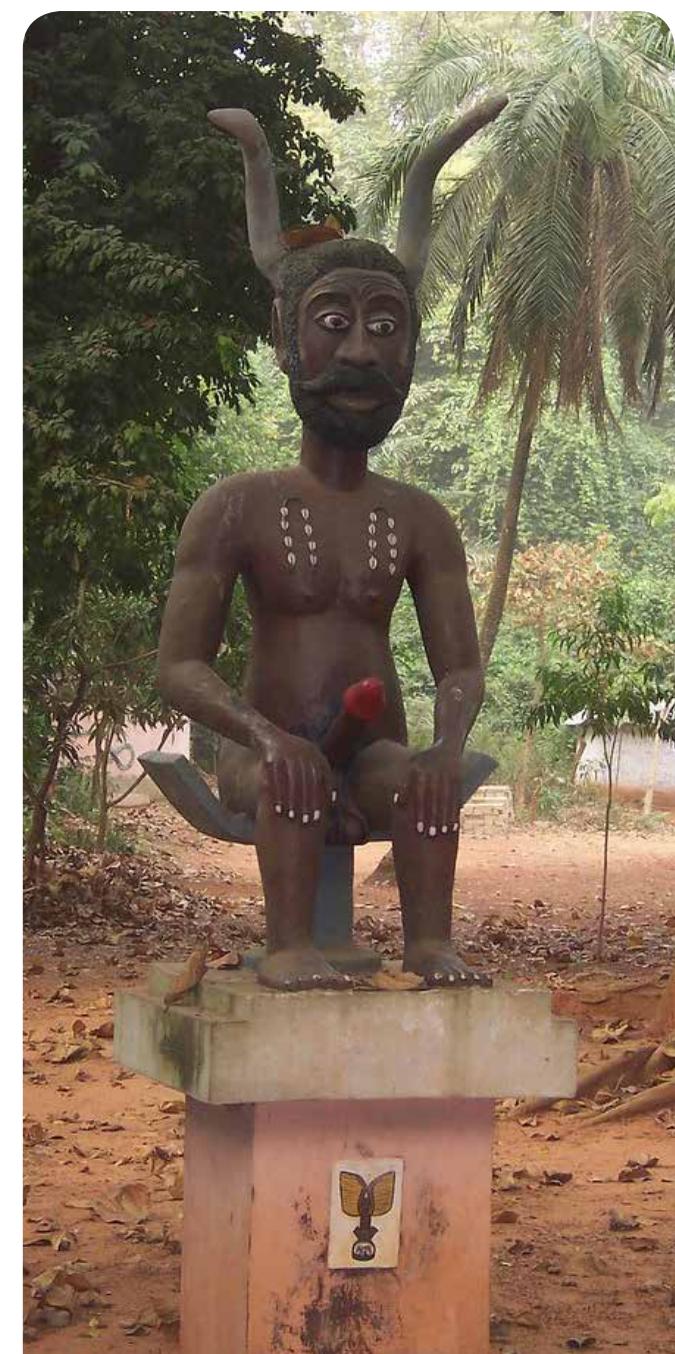
No candomblé jeje da África Ocidental, é associado a Legba, um vodu precursor do bem e do mal, uma entidade *trickster* (trapaceiro). Assim como Exu, Legba é invocado antes de qualquer cerimônia, pois é ele que abre os caminhos para os outros vodus e garante a calma e o bom andamento do ritual. É normalmente assentado na entrada das aldeias para afastar maus espíritos como um montinho de terra com um enorme falo ereto fincado. Seus sacerdotes, os *legbasi*, vestem-se com uma saia de ráfia tingida de roxo tendo cabaças e pequenas esculturas fálicas penduradas. Carregam ainda um falo esculpido em madeira (como o *ogó* de Exu) que esfregam no nariz das pessoas em festas públicas.

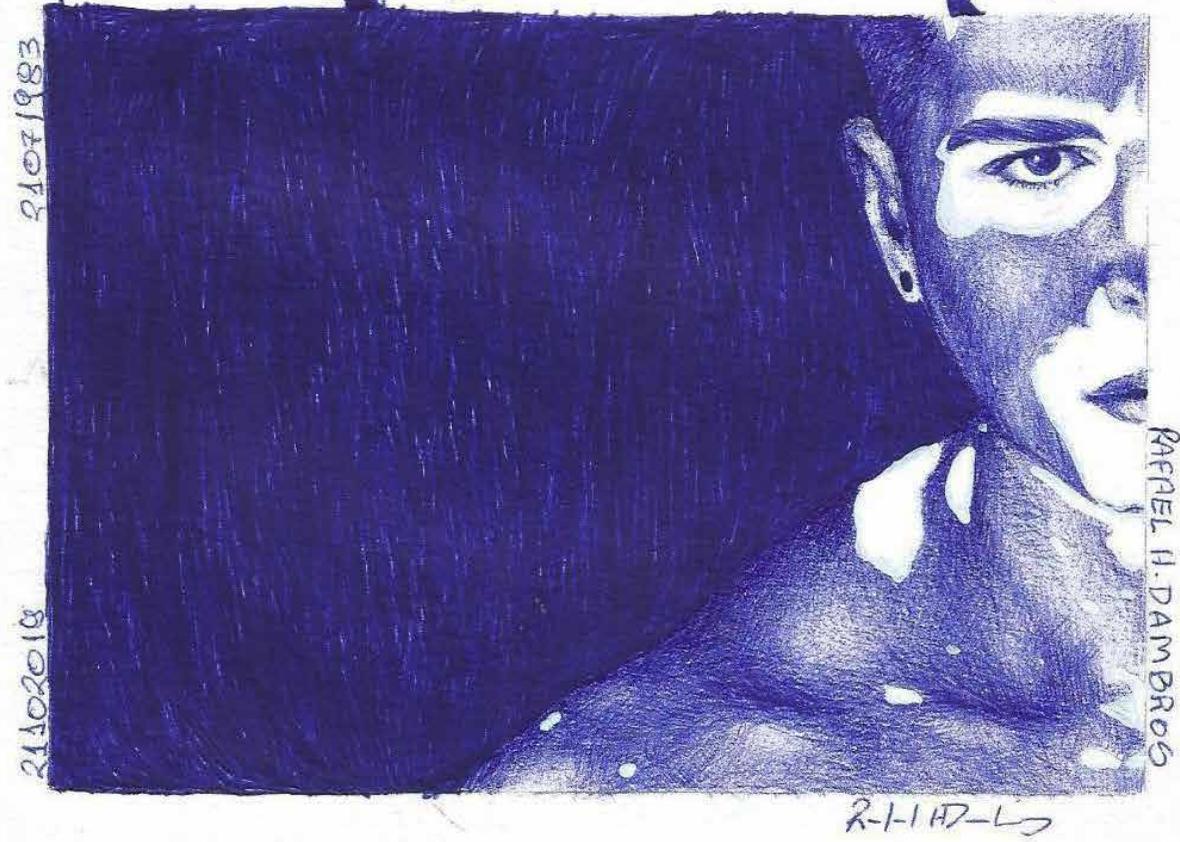
Guardião dos templos, das aldeias e casas particulares, Legba é considerado uma entidade coletiva masculina (*Agbo-Legba*), mas se conhece ainda um Legba feminino (*Assi-Legba* ou *Legbayonu*) que protege as mulheres e as crianças da comunidade. A mulher de Legba é Awovi, cujo nome significa “filha do engano”, simbolizando os acidentes e os nascimentos não planejados. É representada por uma estatueta de barro de aspecto feminino maior que Legba, sem cabeça e com os olhos no lugar dos seios, e a boca na altura da vagina. Minona (representação divinizada dos poder mágico atribuído às mulheres) e Ayizan são consideradas ora esposas, ora mães de Legba.

Estátua de Legba em uma floresta sagrada no Benin.

Embora introduza desordem e confusão no plano divino, Legba também abre caminho para uma nova ordem, mais dinâmica. Para o povo fon, Legba é um desordeiro, que perturba a harmonia e semeia confusão, mas é também reverenciado como um transformador e não visto como um mal.

Diz-se que tanto Exu quanto Legba possui um charme, um encanto sexual, que os dá um caráter de “cajaste”. Dá aquele *borogodó* que só alguém que sabe usar seu *ogó* tem. **8=D**



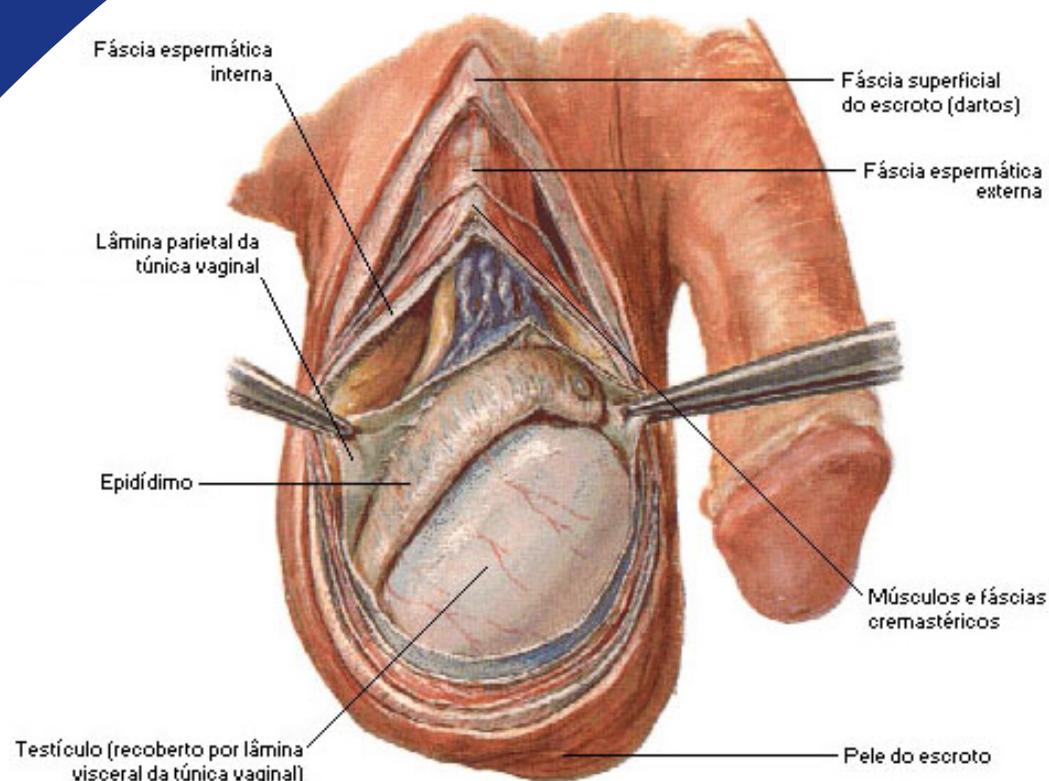


FALOCAMPSE

Que saco!

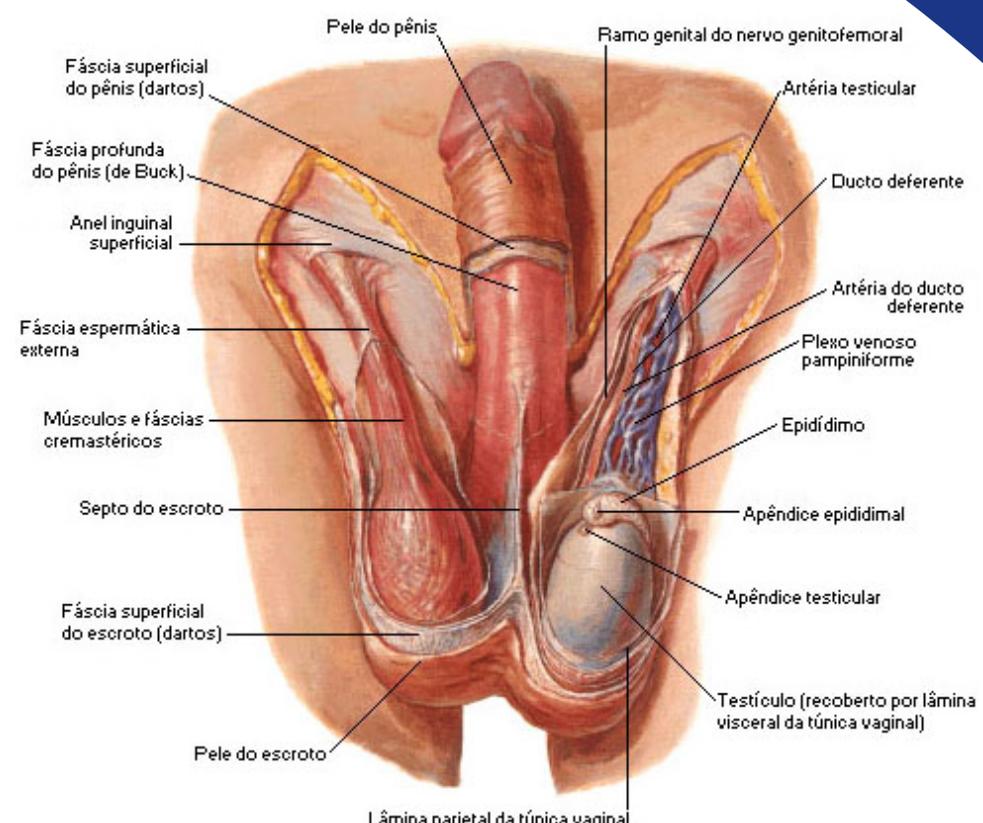
por Filipe Chagas e
André Guimarães

Nenhum falo está sozinho. Além da pessoa que o sustenta, todo falo tem um parceiro: o saco, o escroto!



O saco em si é uma bolsa músculo-cutânea que carrega os testículos e os epidídimos (dutos de condução para os espermatozoides). Ele é considerado uma extensão de pele abdominal (em cinco camadas) localizada entre as pernas, entre o pênis e o ânus, com uma função importantíssima: manter a temperatura dos testículos inferior à do resto do corpo (cerca de 1°C a menos) para que os espermatozoides não sofram alterações ou sejam destruídos pelo calor. É por isso que ele fica “fora” do corpo com pouca proteção contra impacto, contraindo-se e se distendendo conforme seja necessário para controlar a temperatura*.

* Isso é chamado de *reflexo cremastérico*, quando o músculo cremaster se contrai aproximando os testículos do corpo e aumentando sua temperatura, ou relaxa e distende a pele, afastando os testículos do calor corporal. Esse reflexo também acontece com a proximidade de um orgasmo.
Vale dizer que animais com baixa temperatura corporal (como elefantes, rinocerontes e jacarés), mamíferos marinhos (golfinhos e baleias) e aves possuem testículos internos e, portanto, não possuem saco.

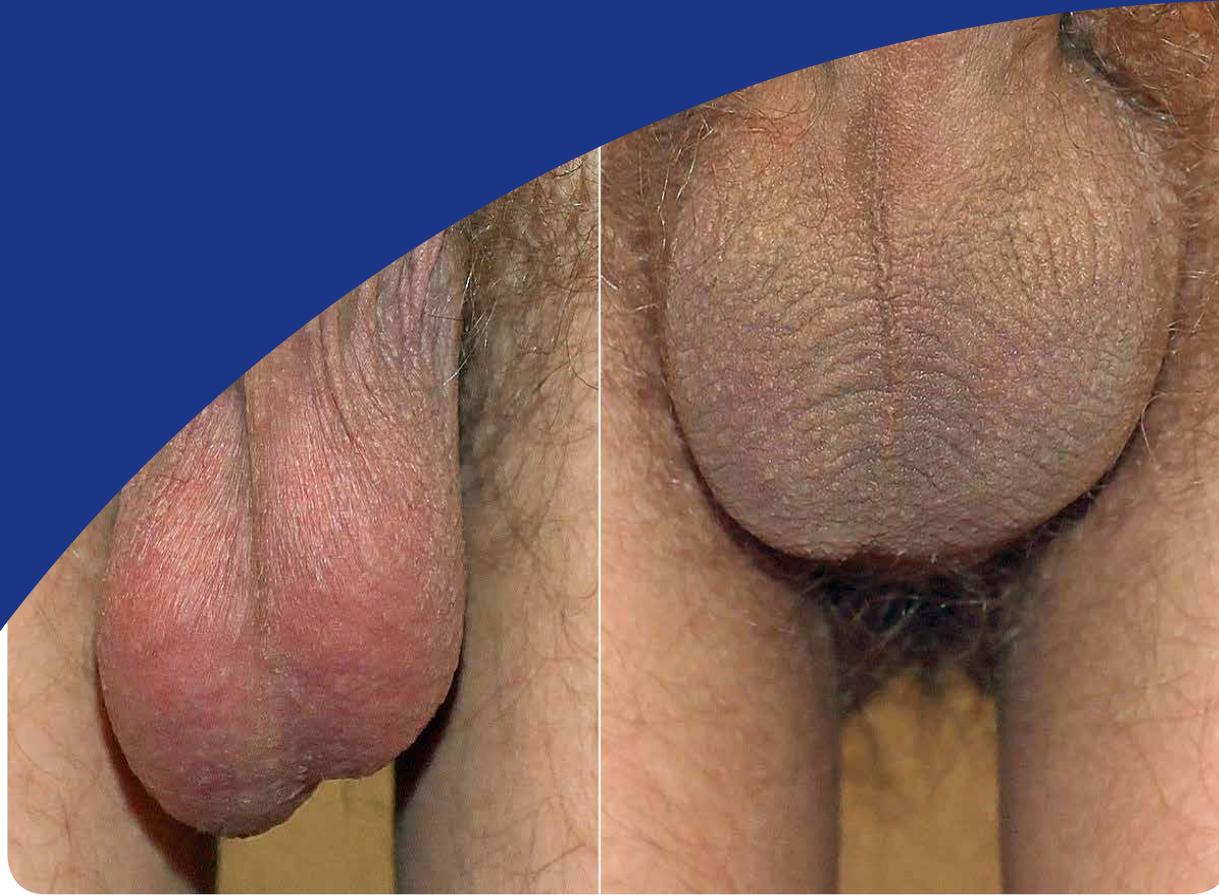


Fica impossível falar do saco sem falar dos testículos, as famosas bolas, os ovos ou colhões. Eles são as gônadas do homem, ou seja, os órgãos responsáveis pela produção dos espermatozoides e dos hormônios masculinos. Possuem formato ovóide (grande eixo quase vertical e ligeiramente achatado no sentido lateromedial)

São formados em par (direito e esquerdo) precocemente durante o período gestacional, estando localizados inicialmente no interior da cavidade abdominal. Ao redor do sexto mês de gestação, migram para compartimentos completamente separados no escroto em resposta ao estímulo hormonal dos meninos. Lá encontram a posição ideal para desenvolvimento

e funcionamento, começando a produzir os hormônios dos atributos sexuais masculinos (como a testosterona*).

Durante a puberdade, eles crescem para dar início à espermatogênese, a produção de espermatozoides. O crescimento vai até os 21 anos e pode se dar em até 500% de seu tamanho pré-púbere. O tamanho varia de 3,5 a 5 cm de comprimento em um volume aproximado de 30 ml (15cm³ a 25cm³) e essa medida pode dobrar durante o ato sexual. O normal é que sejam simétricos ou levemente assimétricos (máximo de 20% de diferença entre eles). Algumas pesquisas associam o tamanho dos testículos à quantidade de esperma produzido.



72 A bolsa escrotal possui características físicas externas comuns:

8=D Por conta da atividade hormonal da região, costumam ter a pele hiperpigmentada, ou seja, com mais melanina e, portanto, mais escura do que o resto do corpo (e isso vale para todo o pênis).

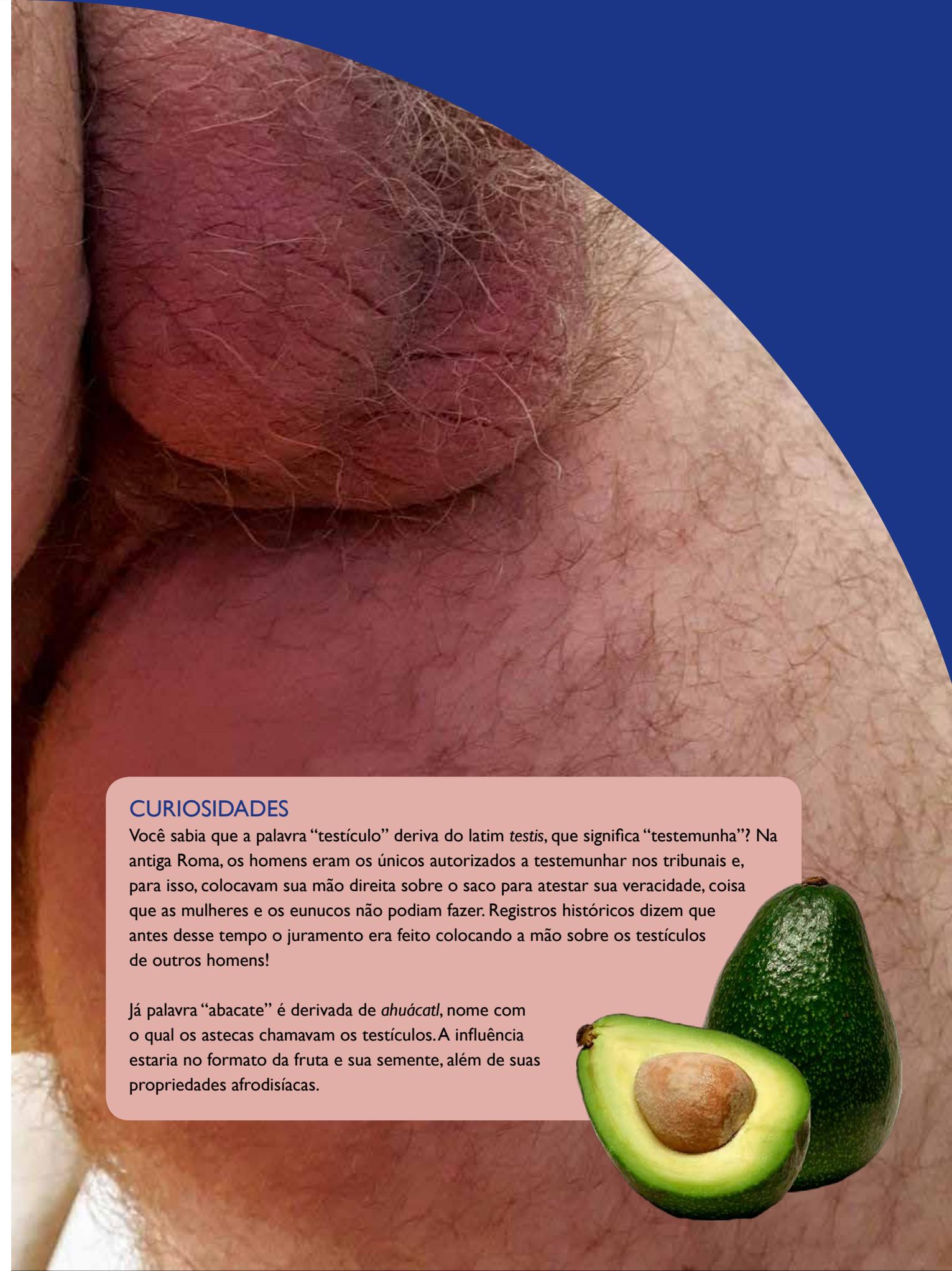
8=D Essa fina pele é enrugada para facilitar sua contração e a distensão.

8=D Uma rafe cutânea (linha rugosa mediana) bem evidente mostra a separação dos compartimentos testiculares.

8=D Normalmente um dos testículos se apresenta mais baixo que o outro devido a diferenças na estrutura anatômica vascular nos lados esquerdo e direito. (obs.: muita gente diz que “o ovo esquerdo dói mais porque está mais baixo”, mas já se sabe que a porcentagem de homens com o direito mais baixo é aproximadamente igual.)

8=D A quantidade de pêlos no saco costuma ser menor do que na área pubiana, uma vez que eles aumentam a temperatura.

Agora você entendeu porque o saco dói, coça, sai do lugar sozinho e faz os homens ajeitarem a cueca a cada dez minutos.



CURIOSIDADES

Você sabia que a palavra “testículo” deriva do latim *testis*, que significa “testemunha”? Na antiga Roma, os homens eram os únicos autorizados a testemunhar nos tribunais e, para isso, colocavam sua mão direita sobre o saco para atestar sua veracidade, coisa que as mulheres e os eunucos não podiam fazer. Registros históricos dizem que antes desse tempo o juramento era feito colocando a mão sobre os testículos de outros homens!

Já palavra “abacate” é derivada de *ahuácatl*, nome com o qual os astecas chamavam os testículos. A influência estaria no formato da fruta e sua semente, além de suas propriedades afrodisíacas.





PATOLOGIAS

Além da conhecida (e sofrida) facilidade de impacto, é preciso ter atenção às bolas. É importante evitar roupas apertadas, muito quentes e abafadas. O autoexame, principalmente entre os jovens, é importante. Basta apalpar os testículos durante o banho sem muita força para avaliar se apresenta alguma irregularidade. Qualquer variação pode ser um sintoma de algo mais sério e, por isso, é imprescindível procurar um urologista (e realizar visitas regulares a ele).

CRIPTORQUIA

Quando não há a descida correta do testículo da cavidade abdominal (onde se desenvolve na vida intrauterina) para o saco escrotal. Pode ser uni ou bilateral. Comumente diagnosticado em bebês prematuros e solucionado com injeções hormonais ou cirurgia de correção (*orquidopexia*).

TORÇÃO

Quando um testículo gira em torno de seu cordão espermático, bloqueando o fluxo sanguíneo. Causa dor intensa e, se não tratado como emergência cirúrgica, a morte dos testículos. É mais comum em recém-nascidos e após a puberdade.

ORQUITE

Inflamação nos testículos provocada por bactérias (que acontece secundariamente a uma infecção urinária) ou por vírus (a partir de uma Infecção Sexualmente Transmissível - IST). Apresenta dor e aumento no volume testicular, podendo dar febre.

EPIDIDIMITE

Inflamação nos epidídimos. É muito comum que esse órgão se inflame na mesma situação da orquite, porque estão ligados aos testículos. As mesmas situações de contaminação da orquite se enquadram para a epididimite. Neste caso, a febre é certa.

HIDROCELE

Acúmulo excessivo de líquido na membrana que envolve o testículo, como consequência de uma inflamação (orquite) ou câncer. Dá uma sensação de peso, de desconforto, que dificulta o caminhar e até mesmo o uso de cueca por causa do aumento da bolsa escrotal. Para o tratamento é necessário fazer uma punção, ou seja, aspiração do líquido com uma agulha.

VARICOCELE

Dilatação das veias (varizes) dentro da bolsa escrotal. Dependendo do grau de varicocele, o homem pode perceber que o testículo fica um pouco mais baixo, além da sensação como se existissem “bichos” no local. Algumas vezes provocam dor e podem causar infertilidade, portanto, o tratamento costuma ser cirúrgico.

CÂNCER

Nenhuma das patologias citadas anteriormente é considerada como gatilhos cancerígenos, porém, seus sintomas são bem semelhantes. Por isso, a necessidade do autoexame e da visita regular ao urologista. O que chama mais a atenção é o toque sentir um nódulo testicular que nem sempre é doloroso, mas dá uma sensação de peso e desconforto. Pode acompanhar crescimento e dor das mamas por conta de alterações hormonais (em crianças, isso pode causar puberdade precoce). Casos sérios, podem levar à *orquidectomia* (remoção do testículo pra fins médicos e/ou ressignificação de gênero) para posterior implantação de prótese testicular.

Mas nem toda dor é uma complicação médica. A hipertensão do epidídimo – também chamada de torcibolas ou *blue balls*, em inglês* – é uma condição temporária de congestão sanguínea na região testicular, causada ou por um prolongado período de excitação sexual, ou seja, muito estímulo no pênis sem ejaculação. Alguns homens chegam a ter dor de cabeça e de estômago, mas fique tranquilo porque o tratamento é simples: é só gozar! **8=D**

* Claro que nem o saco nem as bolas ficam azuis. *Blue* também significa tristeza em inglês, e é claro que a falta de orgasmo deixa qualquer um triste.

FALOCAMPSE é o nome que se dá à curvatura do pênis, quando em ereção. A coluna leva esse nome na ideia de trazer assuntos que tangenciam a nudez masculina na Arte.

Nudez

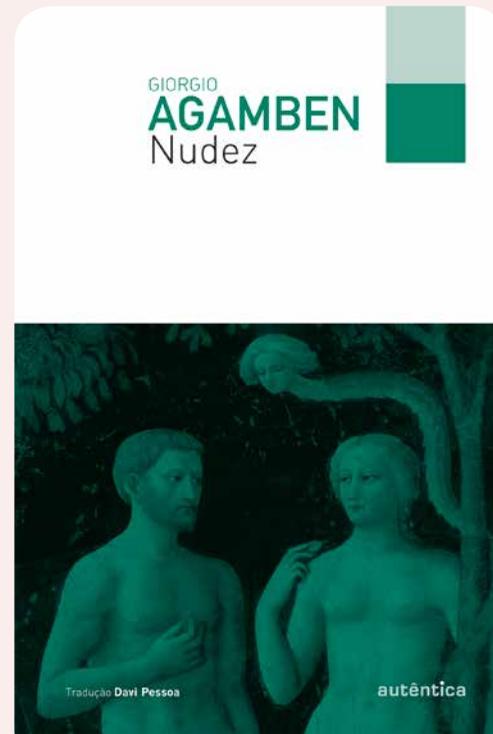
de Giorgio Agamben (2014)

Não se julga um livro pela capa e, neste caso, nem pelo título. “Nudez”, de Giorgio Agamben, acaba sendo uma enrolação já que apenas um único ensaio entre os dez editados aborda o tema. A saída da editora foi dizer que o filósofo “desnuda literalmente o homem contemporâneo”, ou seja, fala-se de um outro tipo de nudez: a do desvelamento.

A editora ainda diz que este ensaio é o... ah... coração do livro onde “o desencantamento da beleza na nudez, quando esta exhibe a simples aparência sem nenhum segredo e para além de qualquer significado oculto, desativa o dispositivo teológico, com seus dualismos alma-corpo, aparência-essência, e deixa ver o corpo humano como inaparente”. Para isso, Agamben utiliza uma performance como gatilho. Ele ficou observando a reação das pessoas ao verem cem mulheres nuas (na verdade, vestiam colãs transparentes) de pé e imóveis em um museu alemão. Ao perceber a relação de poder entre quem está nu e está vestido, notou também o quanto isso se dilui quando quem está nu está indiferente. Então resolve desenvolver por páginas e páginas a questão da nudez teológica – sim, a de Adão e Eva que está na imagem da capa e nos direciona para um tipo específico de nudez ao contrário do que a editora tenta nos vender – e traz poucos dados interessantes, como:

Antes da queda, mesmo sem estarem cobertos por nenhuma veste humana, não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que os envolvia tal como um traje glorioso. É dessa veste sobrenatural que o pecado os despe [...] Isso significa que a nudez se dá para os nossos progenitores no Paraíso terrestre somente em dois momentos: uma primeira vez, no intervalo, presumivelmente muito breve, entre a percepção da nudez e a confecção da tanga, e uma segunda vez, quando se despem das folhas de figueira para se vestirem com as túnicas de pele. E, mesmo nesses instantes fugazes, a nudez só acontece, por assim dizer, negativamente, como privação da veste de graça. [...] O pecado não introduziu o mal no mundo, mas simplesmente o revelou. [...]

* Leia mais sobre a nudez de Adão e Eva (e suas consequências na Arte) na *Falorragia* da sexta edição.



Capa do livro lançado pela Autêntica.

O nudismo como um novo ideal social, reconciliado com a natureza do homem, isso foi possível apenas opondo à nudez obscena da pornografia e da prostituição [...], ou seja, evocando inconscientemente a concepção teológica antiga da nudez inocente como veste de graça. [...]

Na narrativa do Gênesis, o fruto que Eva oferece a Adão provém da árvore do conhecimento do bem e do mal e, segundo as palavras tentadoras da serpente, é destinado a fazê-los “abrir os olhos”. [...] O único conteúdo do conhecimento do bem e do mal é, portanto, a nudez. [...] A nudez, que os primeiros homens viram no Paraíso quando os seus olhos abrirem, é, portanto, abertura da verdade, da ilatência que por si mesma torna possível o conhecimento. Não estarem mais cobertos pela veste da graça não revela obscuridade da carne e do pecado, mas a luz da cognoscibilidade. Por trás da pressuposta veste da graça não há nada, e exatamente esse não ter nada por trás de si, sendo pura visibilidade e presença, é a nudez. E ver um corpo nu significa perceber a sua pura cognoscibilidade para além de qualquer segredo, para além ou aquém dos seus predicados objetivos.

Mais um autor deixa claro o quanto a Igreja transformou a nudez em algo ruim, fosse pecado da carne (ou a descoberta da sexualidade), fosse distanciamento espiritual (ou o entendimento da existência independente de Deus). Agamben mostra através de escritos eclesiais como se deu essa mudança, essa dominação do corpo/carne, esse poder sobre a sexualidade humana.

Neste ensaio, o filósofo tenta ainda costurar Sartre, cartazes de moda, estátuas anatômicas e um bate-papo frugal sobre rugas que teve com amiga mulheres que o leva a pensar sobre a beleza. São tantas digressões que o assunto nudez, de repente, desaparece. Agamben parece querer explicar o sadomasoquismo ou reduzir questões femininas num claro texto feito por um homem branco europeu, que, obviamente, só pensa na nudez da mulher e esquece da sua própria. **8=D**

Vanessa Beecroft e as cem mulheres nuas na Neue Nationalgalerie, em Berlim (2005).





Estou namorando virtualmente. É muito louco, ele mora em outro país, mas assumi compromisso mesmo assim. Nos falamos todos os dias por mensagem ou cam, fazemos muito sexo virtual e já tivemos até briguinhas por ciúme. É saudável manter uma relação assim sem nem mesmo conhecer a pessoa na vida real?

C.B. Holambra/SP.

É bom pensar que não existe uma fórmula universal de amor. Se pegarmos a evolução do amor na história da humanidade, teremos a revelação de que os comportamentos amorosos, as representações ligadas a eles e as sensibilidades que os sustentam são extremamente variados.

Naturalmente aquilo que é novo e diferente causa estranheza, porque qualquer forma de viver e pensar singular ao que estamos habituados gera insegurança e medo. É complexo para nossos cérebros adaptados historicamente a um mundo sem máquinas e velocidade de informações tão grande como a que vivemos agora, a ideia de que alguém ama outra pessoa sem mesmo tocá-la ou sentir seu cheiro.

Amores virtuais não deveriam ser entendidos como amores incompletos, artificiais, menores e, sim, como amores tão completos quanto os reais, ainda que estranhos. A história de amor é uma sucessão de artifícios e sendo assim, estamos diante de mais um tão artificial quanto os outros. Vale ressaltar que quando se diz “amores virtuais,” a complexidade do termo é tão abrangente quanto os amores vividos no nosso cotidiano: são vários tipos de experiências amorosas que tanto são duradouras, estáveis, assim como podem ser rápidas e efêmeras, sem implicar um compromisso.

A forma de se relacionar trazida com a Internet ainda é algo muito novo, porém, vale perceber os lados positivos disso nas relações humanas: os solitários conheceram gente, os tímidos ganharam coragem para trocar ideias e falar de si e muitos grupos se formaram. No seu caso, em que já se estabeleceu um vínculo virtual de compromisso, esse contato por meio da internet caminha para em algum momento partir para um encontro real, de carne e osso, que pode resultar em muitas coisas como um contato breve ou algo mais sério.

Daqui pra frente haverá grande variedade de relacionamentos. As pessoas estão experimentando diferentes formas de estar juntas, abrindo espaço para configurações amorosas que envolve inclusive amar várias pessoas ao mesmo tempo, o que já é percebido pelo crescente número de adeptos do poliamor.

Se você está bem nessa relação à distância e ela se adequa às necessidades individuais de ambos, não há muito o que problematizar. Curta seu romance.

Adoro fazer sexo com diferentes pessoas, mas me sinto extremamente culpado por não me comprometer seriamente com alguém. Cresci dentro de um ambiente familiar fervorosamente católico e até os meus vinte e poucos anos exerci fielmente o que me foi imposto. Me descobri homossexual aos 22 e comecei a me relacionar com homens, porém, nunca abandonei a religião, sendo ela uma força que me motiva a seguir em frente, ainda que me influencie menos que antes. O que eu poderia fazer para diminuir essa sensação de angústia?

S.C. Curitiba/PR.

Primeiro pergunte-se: “será que a religião realmente está influenciando menos que antes ou será que ainda exerce uma enorme força na maneira como me relaciono com os outros e conduzo minha vida?”

Se pararmos para pensar acerca de como as religiões ainda enxergam e pregam o modo que julgam correto as pessoas se relacionarem, encontraremos um casal heterossexual e monogâmico no topo da pirâmide; o que fugir à essa regra já entra no campo do estranho, do desvio. Apesar de não notarmos diretamente influência das religiões e da espiritualidade nas nossas práticas sexuais, ela está presente. O impacto das religiões nas práticas sexuais dos indivíduos pode ser enxergado por meio do desenvolvimento da história da humanidade, em que se puderam observar mudanças de opiniões e posicionamento das religiões em maior ou menor proporção.

A religião se baseia em uma variedade de conteúdos (livros, textos, pessoas, tradições...) para entender e interpretar experiências, levando à construção de valores e significados que influenciam as identidades pessoais e o funcionamento social dos grupos que pertencem à mesma denominação. No contexto religioso, a maioria das discursões sobre sexualidade se limita às questões de quais atos e orientações são aceitáveis dentro das tradições religiosas específicas, porém a sexualidade é muito mais que um grupo de atos sexuais. Seguindo esse raciocínio, a sexualidade inclui elementos biológicos, psicossociais, comportamentais e espirituais que permeiam todo

o ser humano nos aspectos individual e social, carregando fortes cargas emocionais.

A repressão sexual exercida pela moral cristã no decorrer dos séculos ainda promove uma associação entre sexualidade e sentimentos ou pensamentos ligados ao que é “sujo, anormal e pecaminoso”. Tal processo origina um desequilíbrio emocional nos indivíduos quanto aos próprios desejos e instintos e na relação com o corpo.

Contudo, a modernidade trouxe questionamentos e posturas que mudaram a vida cotidiana em geral, inclusive a estrutura familiar e o comportamento sexual. E seria nessa perspectiva que entra a questão do que você denomina “angústia”. Seria importante produzir uma “destraditionalização” dos valores e costumes aprendidos seja na sua religião, na família, no trabalho, nas amizades... promovendo dessa maneira um processo de reflexão crítica e pessoal consigo mesmo.

Imagine você como protagonista da sua própria religiosidade, vivenciando em seu dia a dia um sistema de crenças que foram difundidas pelas autoridades religiosas, modificando-as, recriando-as para a sua experiência e deixando de lado a culpa regada por aquelas certezas e valores a respeito da prática sexual que não fazem sentido em sua vida. Entender que os valores da sociedade mudam com o tempo é um bom primeiro passo para se corrigir velhas condutas.

A caminhada é longa, mas vai na fé!

**FAZER INTERCÂMBIO
JÁ É ÓTIMO.
ACOMPANHADO
DO SEU
AMOR
É MUITO
MELHOR**

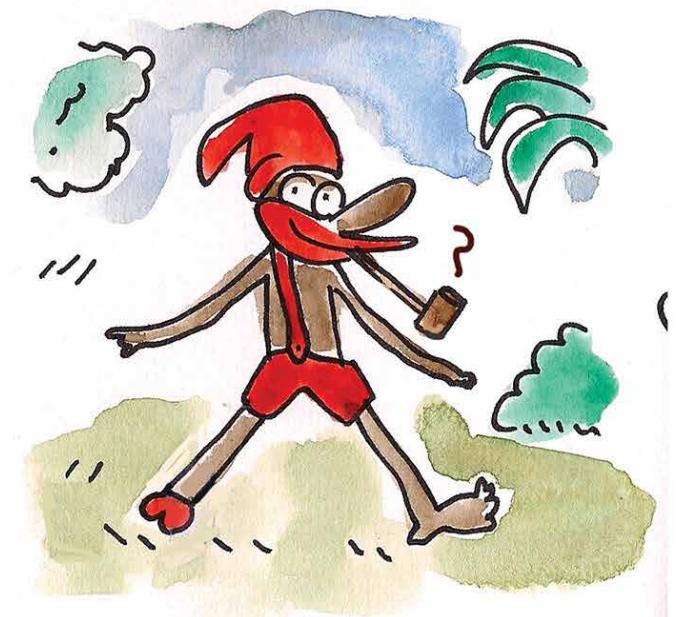
**Agência de
Intercâmbios
São Paulo
Brasil**

**Descubra-se.
Seja um Wanderluster!**

wintercambios.com.br
Avenida Paulista, 807, 1117

**LENDAS
BRASILEIRAS**

ADÃO



THE ART OF BEING SPECIAL · THE ART OF BEING BEAUTIFUL

ONLINE GAY ART MAGAZINE

noisy
rain
gay art magazine



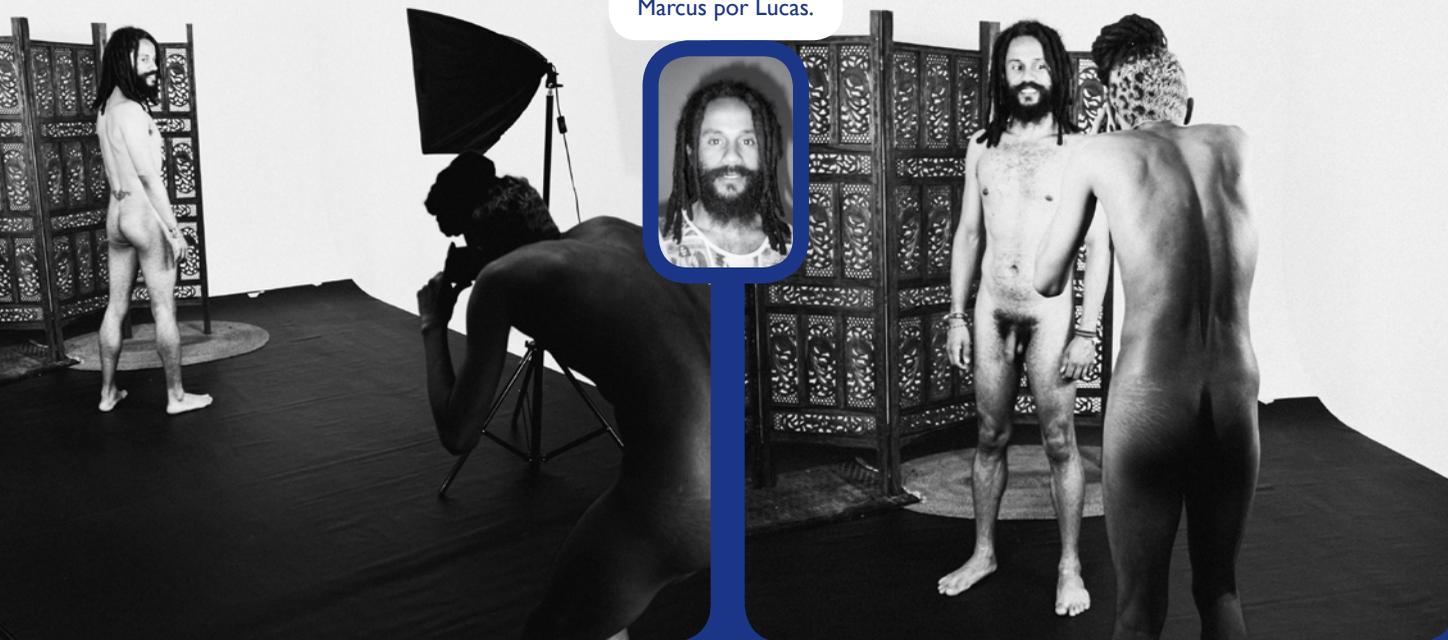
WWW.NOISYRAIN.COM

moNumento

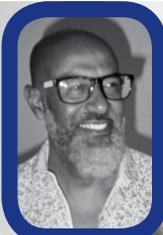


Modelo: Jeff. Foto: anônima.

Marcus por Lucas.



Sérgio por Marcus.



Lucas por Sérgio.



SERGIO ADRIANO H

Artista visual | Pesquisador | Formado em Artes Visuais | Mestre em Filosofia

*Mãe negra, pai branco, 5 irmãos.
Moro em Joinville, um lugar de colonização branca.
Em algum momento, tive que comer farinha com açúcar para matar a fome.
Em algum momento, me disseram que eu não tinha nada a ver com as Artes.
Mas na minha caminhada eu as encontrei e elas me levaram a elaborar minhas próprias perguntas ao invés de responder as de outros.
Meu trabalho é discutir como o conhecimento pode ser libertador.
É discutir os significados das palavras no dicionário ou as formas como fomos apagados social e historicamente
Também é desconstruir imagens. Como a do negro viril de pau grande.
É discutir o pertencimento do corpo negro.
Assim, meu trabalho é fazer com que você duvide sobre as verdades apresentadas que nos impedem de chegar à felicidade.*



MARCUS VINICIUS | OTELLO

Negro | Puto | Artista

*De Porto Alegre, cidade majoritariamente branca.
Gay aos 6 anos.
Negro aos 30 anos.
Desconstrução diária.
Lutar contra o olhar que diz: o que você está fazendo aqui? O que seu corpo está fazendo aqui?
Esta provocação me provoca a provocar o sistema.
Minha arte é provocar.
Minhas festas são para romper com o sistema.
Romper com a fala que diz: negro é tudo igual.
Movimento LGBT não é só branco.
Meu ativismo é inserir o negro nas discussões da comunidade LGBT, é trabalhar com o coletivo. Chega de interesses individuais.
Minha libertação vem com minha sexualidade.*

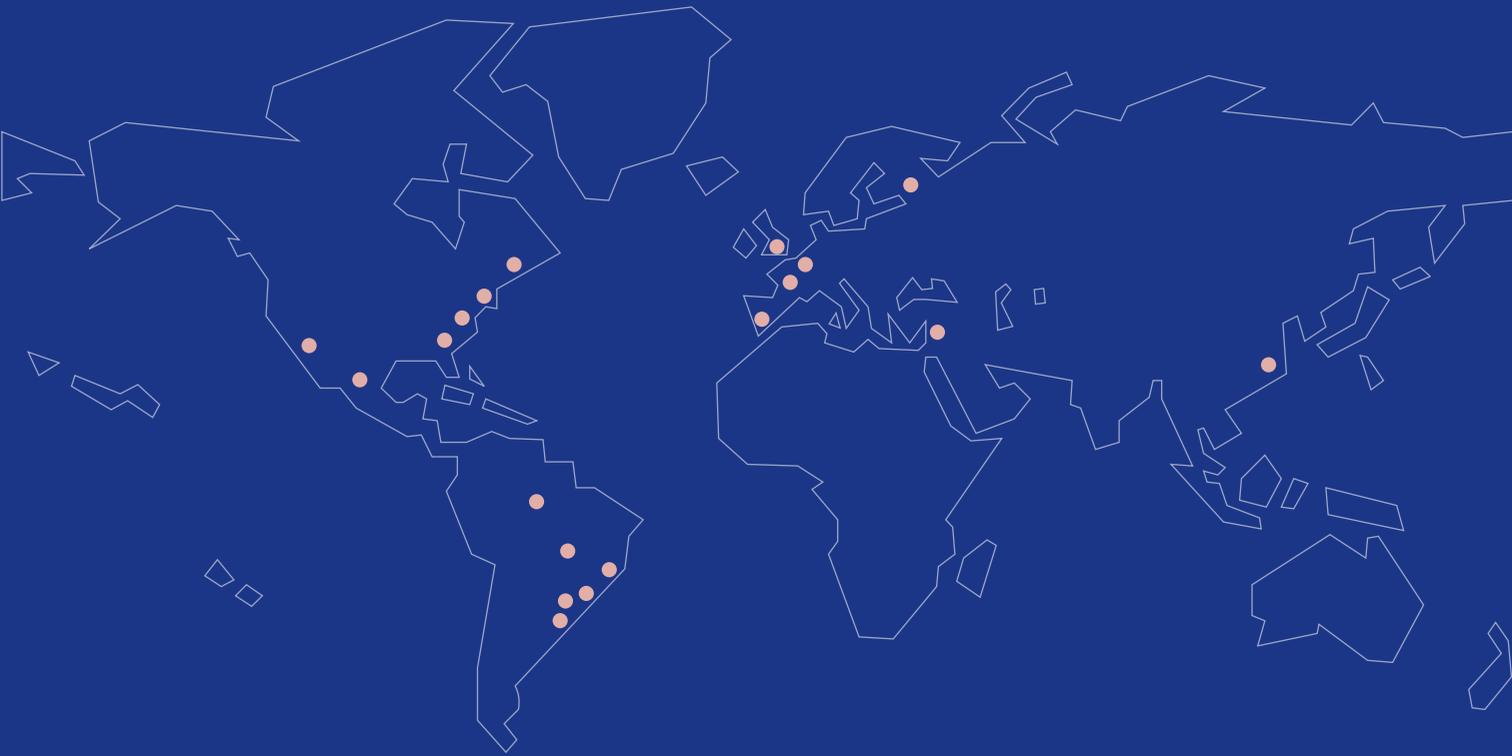


LUCAS NAVARRO

DJ | Performer | Host
Co-fundador da Azagatcha

*De São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo.
Aprendi a usar tudo que era usado contra mim:
ser viado,
ser preto,
vindo da periferia
e transformar ao meu favor.
Desconstruir minha vida e meu gênero.
O que meu corpo deve performar, sou eu quem tem o direito de decidir.
Ninguém pode me falar o que a minha arte deve representar.
Minhas provocações artísticas estão conectadas às discussões sobre sexualidade, gênero e pós-pornô.
Minha performance, sempre ao encontro do que sinto.*





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

